

MAPA DO CAMINHO DA INOVAÇÃO

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS

2001 - 2026

ANTÔNIO DE LIMA MESQUITA



editora
UEA



UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS

MAPA DO CAMINHO DA INOVAÇÃO

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
2001-2026**

Governo do Estado do Amazonas

Roberto Maia Cidade Filho

Governador

Universidade do Estado do Amazonas

André Luiz Nunes Zogahib

Reitor

Kátia do Nascimento Couceiro

Vice-reitora

*editora***UEA**

Isolda Prado de Negreiros Nogueira Horstmann

Diretora

Maria do Perpetuo Socorro Monteiro de Freitas

Gerente

Wesley Sá

Editor Executivo

Raquel Maciel

Produtora Editorial

Isolda Prado de Negreiros Nogueira Horstmann (Presidente)

Adriana Távora de Albuquerque Taveira

Carlos Mauricio Seródio Figueiredo

Gislaine Regina Pozzetti

Josefina Diosdada Barrera Khalil

Katell Uguen

Orlem Pinheiro de Lima

Silvia Regina Sampaio Freitas

Vanúbia Araújo Laulate Moncayo

Conselho Editorial

MAPA DO CAMINHO DA INOVAÇÃO

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS

2001-2026

Antônio de Lima Mesquita

Agência de Inovação Tecnológica e Propriedade Intelectual



editora
UEA



UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS

Giovana Batista
Ingrid Maraes
Revisão

Rebekah Pereira
Sílvia Calvacanti
Diagramação

Márcio Maciel Rodrigues
Projeto gráfico

Rebekah Pereira
Finalização

Todos os direitos reservados © Universidade do Estado do Amazonas.
Permitida a reprodução parcial desde que citada a fonte

Esta edição foi revisada conforme as regras do Novo Acordo
Ortográfico da Língua Portuguesa

M579
2026

Mesquita, Antônio de Lima Mapa do caminho da inovação:
Universidade do Estado do Amazonas 2001-2026 / Antônio de
Lima Mesquita .1.ed. – Manaus (AM): Editora UEA,2026 210
p.: 21 cm [E-book] Formato PDF

ISBN 978-85-7883-855-3

Inclui referências bibliográficas

1. Inovação .2. Mapa. 3. Universidade do Estado do
Amazonas.4.Planejamento estratégico I. Título.

CDU 1997 – 62:378.1(811.3)

Elaborada pela bibliotecária Sheyla Lobo Mota/CRB 484



editoraUEA

Av. Djalma Batista, 3578 – Flores | Manaus – AM – Brasil
CEP 69050-010 | +55 92 992058858
editora.uea.edu.br | editora@uea.edu.br

Ao Dr. Amazonino Mendes, estadista de visão singular, cuja coragem e compromisso com o povo amazonense transformaram o ensino superior em instrumento permanente de desenvolvimento, cidadania e esperança.

Ao criar, em 2001, a Universidade do Estado do Amazonas, realizou uma das mais ousadas e visionárias iniciativas da história do Estado, levando o ensino superior aos 62 municípios amazonenses e aproximando o conhecimento das pessoas, dos rios, das florestas e das comunidades.

Sua visão compreendeu que o verdadeiro desenvolvimento da Amazônia somente seria possível pela formação de seu próprio povo, valorizando a inteligência local, fortalecendo a ciência, estimulando a inovação e criando oportunidades para que milhares de jovens pudessem construir seu futuro sem abandonar suas origens.

Seu legado permanece vivo em cada campus da UEA, em cada estudante formado, em cada professor, pesquisador e técnico, em cada projeto de pesquisa, em cada inovação e em cada comunidade alcançada pela presença transformadora da Universidade do Estado do Amazonas.

Que esta obra registre, para as presentes e futuras gerações, nossa mais profunda gratidão ao homem público que compreendeu que investir em educação é plantar árvores cujas sombras beneficiarão todo um povo.

Com respeito, gratidão e eterna homenagem.

Prof. Dr. Antônio de Lima Mesquita
Autor de Mapa do Caminho da Inovação

PRELÚDIO

Amazônia ensina antes mesmo de ser ensinada

Da floresta à cidade, do rio às comunidades, o território forma sua própria ciência silenciosa, profunda, impossível de ser contida em fronteiras administrativas ou em modelos importados. Foi desse chamado que nasceu a Universidade do Estado do Amazonas: não como instituição, mas como necessidade histórica.

A UEA é filha de um povo que sempre soube que seu futuro depende da educação, e que a educação precisa falar a língua da floresta, dos rios, das distâncias e das vocações amazônicas. Nada nela é mero arranjo institucional: tudo é resposta ao território.

Este livro percorre a trajetória dessa universidade, que hoje se reconhece como sistema vivo de inovação. Ele revela escolhas, gestos, estruturas e movimentos que, somados, criam o mapa pelo qual a Amazônia se reencontra com sua própria inteligência.

Não se trata de um memorial, mas de uma convocação para compreender que inovar na Amazônia é reconhecer pertencimento; que ciência é cidadania; que futuro é construção; e que a UEA não espera o tempo passar, ela o transforma.

Aqui começa o mapa!

APRESENTAÇÃO DO REITOR

A Universidade do Estado do Amazonas nasceu de um gesto de coragem, a decisão de que o conhecimento não poderia permanecer restrito à capital, de que o interior merecia oportunidades iguais, de que a educação superior deveria alcançar rios, florestas, estradas e comunidades inteiras que, por séculos, estiveram distantes das políticas públicas estruturantes.

Hoje, passados 25 anos, a UEA confirma sua vocação civilizatória: somos a maior universidade multicampi do Brasil, a instituição que conecta municípios, culturas e saberes, e o principal eixo formador da inteligência amazônica.

Mas a história que construímos nos trouxe até outro ponto decisivo. Uma vez que vivemos uma era de transformação tecnológica, de crise climática global, de transição energética, de novas economias e de profundas reconfigurações do papel das universidades, a Amazônia, centro geopolítico do século XXI, exige instituições fortes, visionárias e capazes de projetar futuro; a UEA, portanto, assume essa responsabilidade.

Este Mapa do Caminho da Inovação é mais do que um documento, é um pacto institucional que afirma que a Universidade do Estado do Amazonas tem condições e, sobretudo, a obrigação de liderar a construção de um ecossistema amazônico de inovação, ciência aplicada, empreendedorismo e desenvolvimento sustentável.

Aqui estão reunidos nossa história e nossa identidade territorial, nossa arquitetura institucional de inovação, nossos programas,

impactos e resultados e nossa visão estratégica para a década que se inicia.

Este Mapa evidencia algo essencial: a inovação não é um setor da UEA, mas sim a linguagem que atravessa tudo o que somos. Ela está no Samsung Ocean 4.0, um vento estruturante; está no STEM CRIAR, que desperta vocações; na INUEA, que transforma ideias em negócios; nos projetos de pesquisa que dialogam com problemas reais; na formação de professores, que leva ciência às escolas do interior; na transferência de tecnologia, que conecta universidade e indústria e nos programas da AGIN, que consolidam talento, redes e cooperação.

A UEA compreende que a Amazônia precisa de soluções próprias e que elas só existirão se forem formadas aqui, por pessoas que conhecem, amam e pertencem ao território.

O futuro da educação amazônica exige ousadia. O futuro da ciência amazônica exige continuidade. O futuro da inovação amazônica exige visão. Com este Mapa, afirmamos ao Estado do Amazonas que estamos preparados para liderar a próxima década.

Agradeço a cada docente, pesquisador, técnico, estudante, parceiro institucional e liderança comunitária que construiu esta trajetória, sob a batuta da AGIN e seu competente e comprometido gestor, Professor Antônio Mesquita.

A UEA é feita de pessoas, e são elas que sustentam a esperança e a responsabilidade de desenvolver a Amazônia a partir do conhecimento.

Que este livro inspire novas ideias, novas alianças e novas possibilidades, que fortaleça a convicção de que a educação é a

infraestrutura invisível que torna possível todo desenvolvimento do Estado e que reafirme o compromisso da Universidade do Estado do Amazonas com um futuro inovador, sustentável e profundamente amazônico.

Com respeito e gratidão, recordamos nesta obra o saudoso governador Amazonino Mendes, idealizador da UEA, cuja visão de futuro transformou a educação superior em instrumento de desenvolvimento para o Amazonas.

Seguimos, portanto, pela Amazônia, pelo Amazonas e pelo nosso povo.

Prof. Dr. André Zogahib

Reitor da Universidade do Estado do Amazonas

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO DO AUTOR	13
-----------------------	----

NOTA DO EDITOR	17
----------------	----

I. ORIGEM, IDENTIDADE E MISSÃO DA UEA

Capítulo 1 - A decisão que mudou o destino do Amazonas	22
---	----

Capítulo 2 - A identidade da UEA: universidade amazônica, território vivo e consciência	28
--	----

II. A ARQUITETURA DA INOVAÇÃO NA UEA

Capítulo 3 - A inovação como estrutura: a formação do ecossistema de inovação	34
--	----

Capítulo 4 - Propriedade intelectual: a UEA como guardião do conhecimento amazônico	40
--	----

Capítulo 5 - Pesquisa, desenvolvimento & inovação	43
--	----

Capítulo 6 - PD&I com o setor empresarial	51
--	----

Capítulo 7 - Investimento em pessoas: bolsas, equipes e a engrenagem humana da inovação	57
--	----

Capítulo 8 - Eventos de inovação: a UEA como palco, protagonista e conexão de ecossistemas	62
---	----

Capítulo 9 - Visibilidade externa: quando a UEA entra no radar da indústria, da ciência e do país	67
--	----

Capítulo 10 - Portfólios tecnológicos: a vitrine da inteligência amazônica	72
Capítulo 11 - Portfólio de competências: o mapa vivo dos talentos da UEA	77
Capítulo 12 - Samsung Ocean 4.0: semeadura da inovação – Stem criar: distribuição dos frutos	82
Capítulo 13 - Stem criar: a ciência viva que transforma trajetórias amazônicas	87
Capítulo 14 - Publicações científicas: a inteligência que se materializa e se torna patrimônio da Amazônia	92
Capítulo 15 - Premiações e o reconhecimento público da trajetória e da identidade inovadora da UEA	98
Capítulo 16 - Conselhos estratégicos: a UEA no círculo das decisões que moldam o futuro da Amazônia	103
Capítulo 17 - Piisa: a teia amazônica da inovação	109

III. ORIGEM, IDENTIDADE E MISSÃO DA UEA

Capítulo 18 - A UEA como protagonista estadual de ciência, tecnologia e inovação	115
Capítulo 19 - A UEA como rede viva: a vocação que se torna estrutura	121
Capítulo 20 - A inovação como vocação e como futuro: a UEA descobre o próprio destino	127

IV. VISÃO 2034

Capítulo 21 - UEA 2034: a universidade que lidera a inovação amazônica	134
Capítulo 22 - Integrando o ecossistema de inovação	139
Capítulo 23 - Ambientes de inovação nas cidades e no interior	144
Capítulo 24 - O hackathon corporativo	150
Capítulo 25 - Imersão tecnológica e aceleração de talentos	156
Capítulo 26 - Premissas da educação científica e tecnológica	161
Capítulo 27 - Inuea: incubadora da amazônia	167

V. EPÍLOGO E SÍNTESE

Capítulo 28 - Epílogo	175
Capítulo 29 - Síntese estratégica 2026–2034	181
Capítulo 30 - O pacto amazônico da UEA	189

MAPA DO CAMINHO DA INOVAÇÃO NA UEA

A inovação não pode ser compreendida como agenda circunstancial ou iniciativa fragmentada, nem tampouco se limita a programas de governo ou ciclos de gestão.

Na Universidade do Estado do Amazonas, a inovação é a diretriz institucional permanente e a forma como interpretamos o território, estruturamos prioridades e assumimos responsabilidade diante do futuro da Amazônia e do Brasil.

Este Mapa do Caminho nasce da convicção central de que a UEA não só é uma instituição de ensino superior, mas também é a infraestrutura intelectual estratégica do Estado do Amazonas, o ponto de convergência entre juventude, ciência, tecnologia, saber tradicional, indústria, governos e comunidades e o espaço onde conhecimento e território se organizam como projeto de desenvolvimento.

Essa compreensão exige uma escolha, pois não basta formar profissionais para ocupar funções previamente definidas. Em um território onde cadeias produtivas ainda precisam ser consolidadas e mercados demandam estruturação, inovar significa formar pessoas capazes de transformar conhecimento em valor, pesquisa em soluções aplicáveis e inteligência amazônica em oportunidade concreta para suas próprias comunidades.

Nos últimos anos, avançamos de forma consistente nessa direção, fortalecendo a Agência de Inovação (AGIN), estruturando programas permanentes de educação científica e tecnológica,

interiorizando incubadoras, ampliando ações de pesquisa, desenvolvimento e inovação, consolidando parcerias estratégicas com a indústria, aprofundando a cooperação com governos e organizando redes multicampi capazes de integrar competências distribuídas pelo território.

Este livro não se apresenta como relatório administrativo, mas sistematiza uma estratégia, reunindo as ações que posicionaram a UEA como articuladora central do ecossistema amazônico de ciência, tecnologia e inovação e projetando os movimentos necessários para que a universidade exerça plenamente sua responsabilidade no século XXI.

A UEA opera na intersecção de duas dimensões inseparáveis: A Amazônia ancestral, que preserva saberes, diversidade cultural e patrimônio socioambiental, e a Amazônia tecnológica, que exige inovação, produtividade e inserção competitiva em cadeias globais. A universidade é o ambiente onde essas dimensões deixam de ser paralelas e passam a atuar de forma integrada. Nesse sentido, o Mapa do Caminho organiza essa estratégia de integração em quatro dimensões estruturantes.

1. Identidade _____

A inovação na UEA parte do reconhecimento do território como ativo estratégico. A diversidade cultural, o conhecimento tradicional e a pluralidade de saberes constituem fundamentos para soluções originais e sustentáveis.

2. Estrutura

Inovar requer governança, mecanismos institucionais consistentes, infraestrutura adequada, planejamento de longo prazo e continuidade organizacional. A UEA consolidou essa base e seguirá aperfeiçoando-a, consciente de que inovação duradoura depende de arquitetura institucional sólida.

3. Movimento

Inovação se traduz em programas aplicados, pesquisas orientadas a problemas reais, formação de talentos e projetos com impacto mensurável. Significa preparar profissionais aptos a estruturar novas dinâmicas econômicas no interior do Amazonas, ampliando cadeias produtivas, agregando valor e fortalecendo a base regional de desenvolvimento.

4. Visão de Futuro

Projetamos 2034 como marco de consolidação de uma UEA digitalizada, sustentável, interiorizada, conectada internacionalmente e profundamente amazônica. Uma universidade que forma lideranças, desenvolve tecnologias estratégicas, protege saberes tradicionais e estrutura oportunidades onde hoje existem lacunas produtivas e institucionais.

Este livro representa um compromisso público da universidade com a continuidade de sua ousadia institucional; com a sociedade amazônica, que depende da ciência para superar desigualdades

estruturais; com os estudantes, chamados a exercer protagonismo intelectual e econômico em seu próprio território; e com governos e setor produtivo, que encontram na UEA uma parceira estratégica para elaborar políticas de Estado e soluções de longo prazo.

A UEA alcança este momento com maturidade organizacional e clareza de propósito. Os desafios da Amazônia são complexos e exigem visão sistêmica, articulação institucional, capacidade técnica e confiança na própria inteligência regional. Desse modo, a universidade assume essa responsabilidade com consciência histórica e determinação estratégica. O futuro da Amazônia dependerá das decisões que tomarmos agora, e a UEA está preparada para ser parte ativa dessa construção.

Prof. Dr. Antônio de Lima Mesquita

Professor da Universidade do Estado do Amazonas.

Diretor da Agência de Inovação Tecnológica da UEA
(2022-2025).

Escrever sobre a UEA sempre nos coloca diante de uma constatação simples e profunda: a universidade é, hoje, a instituição que mais traduz o que significa viver, resistir e criar na Amazônia.

Ao longo das últimas décadas, testemunhei governos, projetos, ciclos econômicos e discursos que surgiram e desapareceram com a mesma rapidez dos ventos que mudam a direção dos rios. Mas a UEA permaneceu, e com ela Antônio Mesquita, autor deste estudo, referência de compromisso e um esteio de resiliência desta jornada, presente desde antes da criação da antiga UTAM, atuando como professor devotado. E assim, no formato de um mutirão amazônico, a instituição cresceu, consolidou-se, reinventou-se e assumiu um papel que talvez nem seus fundadores imaginassem: o papel de consciência crítica e inteligência estratégica do Estado do Amazonas.

Ao acompanhar o território, sempre me impressionou que a Amazônia fosse tratada, tantas vezes, como periferia de debates que deveriam nascer aqui. Este livro devolve a centralidade ao lugar correto.

A inovação amazônica não é derivação, capítulo original ou promessa; é origem, fundamento e necessidade. Ao escrever este prefácio, não falo como acadêmico, mas como alguém que dedicou a vida a observar a Amazônia nas suas tensões, contradições, esperanças e grandeza. E é do ponto de vista de quem viu a indústria da Zona Franca nascer, amadurecer, enfrentar crises e se reinventar

que reconheço na UEA uma instituição cuja importância extrapola qualquer parede universitária.

O que este livro revela é exatamente isso: a UEA não acompanha o Amazonas, mas o antecede; não reage aos desafios, mas antecipa caminhos; não descreve o território, mas ajuda a desenhá-lo.

O Mapa do Caminho da Inovação é mais do que um inventário institucional. É o registro de um momento de virada: o instante em que a UEA decide assumir, com clareza e responsabilidade, seu lugar como infraestrutura intelectual da Amazônia.

Há, aqui, alguns princípios que me tocam diretamente: a ideia de que a inovação, na Amazônia, só se legitima quando melhora a vida real das pessoas; a compreensão de que o conhecimento só tem valor quando dialoga com o território; a coragem de assumir que interiorizar ciência é a forma mais concreta de justiça social que podemos oferecer; a certeza de que a juventude amazônica precisa ser protagonista, não espectadora, do futuro que tentam decidir por ela.

Ao ler cada capítulo, encontro ecos do que sempre defendi no jornalismo e na reflexão pública: a Amazônia não precisa de narrativas importadas, de salvadores ou de explicações, mas de ferramentas locais, alianças e respeito. E é isso que a UEA faz.

O que nasce nas salas, nos laboratórios, nos barcos, nos centros do interior, nos programas de inovação e nas redes de pesquisa é, acima de tudo, uma inteligência amazônica que sabe de onde veio e sabe para onde quer ir.

Portanto, este livro não é um relatório, mas sim um gesto de maturidade institucional, uma afirmação histórica, um compromisso público e, especialmente, o retrato mais eloquente

da inteligência, compromisso, dedicação e liderança de seu autor, o professor Antonio Mesquita.

Ele marca um ponto de inflexão: o momento em que a UEA decide que não será apenas a maior universidade multicampi do país, mas a universidade que organiza o conhecimento necessário para que a Amazônia seja o que merece ser. Logo, se, no Brasil, há instituições que sustentam o futuro do país, a UEA é uma delas, e este Mapa do Caminho da Inovação é uma expressão clara dessa responsabilidade.

Que ele oriente gestores, inspire estudantes, fortaleça a universidade, convoque parceiros e recorde ao país algo que nunca deveria ter sido esquecido: que o futuro da Amazônia não virá de fora, mas será pensado, criado e conduzido por quem vive aqui.

por **Alfredo Lopes**

I

**ORIGEM,
IDENTIDADE E
MISSÃO DA UEA**



CAPÍTULO 1

A DECISÃO QUE MUDOU O DESTINO DO AMAZONAS

Uma universidade não nasce de um decreto, mas de uma necessidade histórica. E a história da UEA, antes de ser instituição, foi intuição — uma percepção coletiva de que o Amazonas precisava criar um cérebro que organizasse seu território e conduzisse seu futuro.

Essa história começa em 1973, quando o Estado cria a Universidade de Tecnologia do Amazonas (UTAM). Era um gesto estratégico e uma resposta imediata ao surgimento do Polo Industrial de Manaus, que exigia profissionais capacitados para sustentar uma economia ainda em formação. A UTAM funcionava como primeiro alicerce, como escola que entregava mão de obra técnica, mas não articulava território, ciência e desenvolvimento. Era um início, mas não a solução.

Com o passar das décadas, tornou-se evidente que o Amazonas precisava de algo maior do que uma escola tecnológica. Precisava de uma instituição capaz de interpretar o território, compreender sua complexidade e formar inteligências que enxergassem a Amazônia não como limite, mas como projeto civilizatório.

1. O dilema amazônico das décadas de 1980 e 1990 _____

Aqueles anos revelaram um contraste profundo. Enquanto Manaus crescia, o interior, não. A demanda por formação superior aumentava, mas a ciência regional caminhava lentamente. Milhares de jovens migravam ou simplesmente renunciavam ao futuro por falta de acesso.

Faltava uma universidade que alcançasse municípios distantes e interiorizasse o ensino superior com a força de uma política de Estado. Uma universidade capaz de articular ensino, pesquisa e extensão, desenvolver ciência amazônica, integrar tecnologia ao território e criar condições para que o conhecimento fosse vetor de desenvolvimento, não privilégio urbano.

A UTAM não conseguia cumprir essa missão, e o Amazonas, pressionado por desigualdades e por uma geografia que desafia qualquer projeto de nação, precisava de uma mudança de escala, propósito e ambição.

2. A criação da Universidade do Estado do Amazonas: um ato de coragem e visão ---

Em 12 de janeiro de 2001, a Lei nº 2.637 dá origem à Universidade do Estado do Amazonas. O que nasce ali não é apenas uma instituição, e sim uma nova consciência do papel do Estado na vida do seu povo.

A UEA surge com vocação multicampi e presença territorial, para democratizar o acesso, formar inteligências amazônicas, integrar conhecimento e território e gerar ciência voltada ao desenvolvimento sustentável. No dia 3 de agosto do mesmo ano, iniciam-se formalmente as suas atividades, em paralelo ao enfrentamento de um dos maiores desafios logísticos já impostos a uma universidade brasileira. A UEA não replicou modelos, ela inventou um modelo amazônico.

3. Uma universidade para um território do tamanho de países

Não por escala, mas por propósito, a UEA rapidamente se tornou a maior universidade multicampi do Brasil em abrangência territorial. Ela se faz presente em dezenas de municípios, formando professores, apoiando sistemas de saúde, articulando políticas públicas, qualificando economias locais e conectando comunidades ribeirinhas, indígenas e urbanas a redes de conhecimento antes inacessíveis. Essa presença transforma a universidade em instrumento de integração territorial, de modo que a UEA não apenas leva educação, mas também leva futuro.

4. A decisão civilizatória _____

Criar a UEA foi mais do que criar uma universidade, foi criar o cérebro institucional do Estado, a base científica da Amazônia contemporânea, um eixo de interiorização, uma plataforma de políticas públicas e um território organizado de conhecimento.

Com a UEA, o desafio passa a ser formação superior estruturada em todo o interior, com programas ajustados às vocações específicas, polos regionais de pesquisa e infraestrutura intelectual para estruturar a bioeconomia amazônica. Sem a UEA, a inovação da década seguinte — AGIN, INUEA, PIÍSA, STEM CRIAR, portfólios, laboratórios multicampi — simplesmente não existiria.

A UEA é, assim, o alicerce de tudo o que hoje compõe o ecossistema amazônico de ciência, tecnologia e inovação.

CONCLUSÃO DO CAPÍTULO – A URGÊNCIA HISTÓRICA

A UEA nasce de uma urgência histórica, cresce como projeto de Estado e se consolida como a mais importante instituição amazônica de formação e conhecimento.

Sua criação é a passagem do improviso para a estratégia, da desigualdade para a oportunidade, da dispersão territorial para a integração.

Este capítulo inaugura a jornada que o livro seguirá: a de mostrar como a inovação se tornou eixo estruturante da UEA e como a universidade construiu, passo a passo, o sistema que conduz a Amazônia ao futuro.



CAPÍTULO 2

A IDENTIDADE DA UEA: UNIVERSIDADE AMAZÔNICA, TERRITÓRIO VIVO E CONSCIÊNCIA

A UEA não é apenas uma instituição de ensino, é uma interpretação do território, uma síntese de histórias, geografias, povos, silêncios e travessias que se cruzam para formar um projeto educacional singular no Brasil.

Enquanto universidades tradicionais nascem de cidades, a UEA nasce da Amazônia inteira e molda-se pela floresta, pelos rios, pela diversidade humana, pelas distâncias que não intimidam, mas orientam sua vocação. É, ao mesmo tempo, universidade, território, rede e mecanismo de desenvolvimento humano. Sua identidade não está nos prédios que ocupa, mas na vida que alcança.

A UEA veste o mapa amazônico. Diferentemente de instituições centradas em um campus único, ela se organiza a partir do território, estendendo-se por rios, estradas, trilhas, pistas de pouso improvisadas e redes comunitárias. A presença da UEA se multiplica em centros urbanos e municípios remotos, adaptando currículos, tempos e metodologias às realidades locais. Esta mobilidade transforma a UEA em algo raro no sistema educacional brasileiro: uma universidade que se move junto ao povo que atende.

Seu multicampi não é uma divisão administrativa, é uma filosofia e o entendimento de que o conhecimento precisa viajar para produzir justiça social. Para a UEA, a Amazônia não é tema, é método. A universidade pensa a partir do território, e não sobre ele. Sua produção científica nasce de diálogos com saberes tradicionais, tecnologias sociais, biodiversidade como campo de pesquisa, cidades que funcionam como laboratório vivo e comunidades ribeirinhas e indígenas que se tornam parceiras da construção do conhecimento.

A ciência produzida aqui não tenta domesticar a floresta, e sim compreendê-la. Não importa modelos externos, mas cria modelos próprios. Essa perspectiva transforma a Amazônia em potência epistemológica e faz da UEA uma referência para quem busca aprender a pensar a partir da floresta.

Na UEA, ciência não é apenas produção acadêmica, é instrumento de cidadania amazônica. A universidade atua como rede de proteção social, promotora de mobilidade, indutora de políticas públicas e estruturadora do desenvolvimento territorial. Em localidades de difícil acesso, torna-se porta de entrada para oportunidades antes inimagináveis.

A UEA representa, para milhares de jovens, o direito concreto ao futuro sem a necessidade de abandonar o lugar onde nasceram, devolve dignidade ao território e projeta suas pessoas para horizontes que antes pareciam inalcançáveis.

Cada unidade da UEA no interior funciona como polo irradiador de conhecimento, serviço e transformação. Esses centros qualificam professores da rede básica, fortalecem sistemas de saúde, ampliam economias locais, apoiam prefeituras com conhecimento técnico e conectam pesquisa à vida cotidiana. Logo, a UEA não se limita a estar no interior, ela também o ativa, e, com isso, cria as bases de uma economia regional mais justa, mais diversa e mais enraizada no território.

Toda a arquitetura de inovação da UEA — AGIN, INUEA, PIÍSA, OCEAN 4.0, STEM CRIAR, laboratórios multicampi, políticas de propriedade intelectual e portfólios tecnológicos — só existe porque há uma identidade que a sustenta.

CONCLUSÃO DO CAPÍTULO: IDENTIDADE E DIVERSIDADE HUMANA

A UEA é feita de territorialidade, presença comunitária, cultura institucional forte, vocação para pesquisa aplicada e compromisso com o desenvolvimento sustentável.

Antes de inovar, a UEA pertence e por isso pode transformar. Ela não se torna inovadora por adotar tecnologias modernas, mas por compreender profundamente o território que deseja servir.

A identidade da UEA, o alicerce de tudo o que virá, nasce da Amazônia e retorna à Amazônia, sempre em estado de movimento e de serviço. O que se constrói aqui não é apenas uma universidade, mas um organismo vivo amazônico capaz de educar, conectar, cuidar, investigar e projetar o Estado para o futuro. A partir deste ponto, a narrativa segue para a Parte II, onde mostramos como essa identidade se transformou em uma estrutura sólida, madura e institucional, capaz de redefinir o desenvolvimento amazônico.

II

A ARQUITETURA DA INOVAÇÃO NA UEA



CAPÍTULO 3

A INOVAÇÃO COMO ESTRUTURA: A FORMAÇÃO DO ECOSSISTEMA DE INOVAÇÃO

A inovação só permanece quando toma forma, e só tem forma quando encontra lei. A Universidade do Estado do Amazonas deu seu salto civilizatório quando compreendeu que inovar não significa criar projetos, mas criar estruturas. Projetos nascem e terminam, mas estruturas permanecem. Projetos dependem de pessoas, e estruturas protegem as pessoas. Por isso, a criação da Agência de Inovação da UEA (AGIN), consolidada pela Resolução CONSUNIV nº 020/2013, marca o momento em que a universidade deixa de praticar inovação como entusiasmo e passa a tratá-la como política de Estado. Aqui, a inovação deixa de ser uma prática dispersa e torna-se uma arquitetura institucional.

1. A inovação como necessidade de Estado _____

Desde sua origem, a UEA carrega um imperativo territorial: levar conhecimento ao interior, criar oportunidades onde antes havia isolamento, interiorizar ciência e formar inteligências amazônicas. Mas, ao longo das primeiras décadas, enfrentou um desafio silencioso, pois embora a produção de conhecimento crescesse, faltava um órgão capaz de coordenar e dar segurança jurídica a tudo o que emergia da comunidade acadêmica.

As pesquisas geravam ideias, mas não havia quem orientasse parcerias estratégicas, gerisse inventores e processos de sigilo, conduzisse propriedade intelectual e licenciamento e estruturasse relações com empresas, governos e ICTs. A UEA tinha vocação, mas não tinha eixo organizador. Então, a AGIN nasceu para preencher esse vazio histórico.

2. O nascimento jurídico da AGIN: quando a inovação encontra a lei _____

A inovação na UEA começa na legislação que permitiu sua institucionalização. A base jurídica que sustenta a AGIN repousa sobre um conjunto articulado de normas que transformou a inovação em função permanente da universidade.

A Lei Federal de Inovação (10.973/2004) determina que toda ICT possua um Núcleo de Inovação Tecnológica responsável por proteger propriedade intelectual e gerir parcerias. O Decreto 5.563/2005 detalha o funcionamento desses núcleos, oferecendo segurança para licenciamento, acordos de sigilo e repartição de benefícios.

A Lei Estadual de Inovação (3.095/2006) autoriza cooperação tecnológica, compartilhamento de infraestrutura e apoio a inventores independentes. Em 2011, a Lei Estadual 3.595 cria formalmente a AGIN dentro da estrutura organizacional da UEA. E, em 2013, a Resolução CONSUNIV nº 020 transforma esse arcabouço em política permanente ao aprovar o Regimento Interno da AGIN. A partir desse momento, a inovação deixa de ser voluntária e torna-se obrigação institucional.

3. A AGIN como órgão de Estado dentro da UEA _____

O Regimento reconhece a AGIN como órgão suplementar da Reitoria, NIT oficial da universidade e guardiã jurídica da Política Institucional de Inovação. Essa condição garante permanência, uma vez que a AGIN não pode ser extinta por

decisões administrativas, não depende de conjunturas políticas e não se altera a cada mudança de gestão. Sua autoridade deriva do Conselho Universitário, o que lhe confere estabilidade e legitimidade para atuar em todas as dimensões da inovação. Na UEA, portanto, a inovação é uma política de Estado, não de governo.

4. As competências estruturantes da AGIN _____

Com o Regimento, a UEA passou a sistematizar a inovação. Cabe à AGIN proteger a Política Institucional de Inovação, zelar pela propriedade intelectual, oferecer segurança jurídica a parcerias nacionais e internacionais, mediar relações com empresas e governos, apoiar a incubação e o empreendedorismo, gerir normas de sigilo e divulgação científica, conduzir processos de licenciamento e transferência tecnológica e alimentar indicadores estratégicos que orientam a tomada de decisão. Aqui, a inovação ganha método, memória e mapa.

5. O Conselho Consultivo: a inovação como decisão colegiada _____

O Regimento também cria o Conselho Consultivo da AGIN, composto por um colegiado de dirigentes, pró-reitores, diretores de escolas e representantes docentes e discentes, que analisam processos sensíveis, asseguram legitimidade e definem prioridades estratégicas. Assim, a inovação deixa de depender de vontades individuais e passa a expressar o consenso institucional da universidade, e a inteligência coletiva da UEA ampara sua política de inovação.

6. A criação do ecossistema: quando a inovação ganha corpo —

Com a base jurídica firmada, a AGIN pôde construir o ecossistema que hoje define a UEA: a INUEA como incubadora, o fortalecimento da PI e da transferência tecnológica, a integração com o OCEAN e com o STEM CRIAR, o PIISA, os laboratórios multicampi, os portfólios tecnológicos, os eventos regionais, a formação de talentos, as parcerias com o Polo Industrial de Manaus, com ICTs nacionais e internacionais e com o Governo do Estado. A inovação, então, deixa de ser um esforço fragmentado e passa a ser um sistema vivo, territorial e contínuo.

CONCLUSÃO — A INOVAÇÃO COMO FUNDAMENTO DA UNIVERSIDADE DO FUTURO

A AGIN demonstra que inovação não nasce do improviso, mas de leis, governança, segurança jurídica e visão estratégica. Sem AGIN, a UEA teria apenas projetos, mas com AGIN, tem política de Estado. Da mesma maneira, sem regimento, a UEA teria entusiasmo, mas com regimento, tem permanência. Por fim, sem estrutura, a UEA teria momentos, mas com estrutura, tem futuro.

Este capítulo marca o ponto preciso onde a inovação amazônica se enraíza: no encontro entre conhecimento e lei, território e instituição, visão e permanência. A partir daqui, tudo o que virá repousa sobre esse alicerce. A inovação amazônica começa aqui.



CAPÍTULO 4

PROPRIEDADE INTELLECTUAL: A UEA COMO GUARDIÃ DO CONHECIMENTO AMAZÔNICO

A inteligência amazônica só se torna força quando encontra proteção, e a proteção só se realiza quando o conhecimento ganha forma jurídica, valor institucional e possibilidade real de transformar vidas. Entre 2022 e 2025, a UEA viveu seu ciclo mais consistente de amadurecimento em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia.

Não se tratou apenas de aumentar registros, mas de consolidar uma cultura que compreende o princípio simples e decisivo de que conhecimento protegido é capaz de gerar impacto. Ao reconhecer sua própria produção intelectual como patrimônio estratégico do Estado do Amazonas, a universidade transformou ideias em ativos, pesquisas em oportunidades e talentos em protagonistas de um novo ciclo de desenvolvimento. A Propriedade Intelectual deixou de ser um adereço burocrático e passou a ocupar o centro da arquitetura de inovação da UEA, tornando-se o arcabouço que garante segurança, continuidade e legitimidade ao que se produz nos laboratórios, nas salas de aula, nos programas e nos projetos.

O período 2022-2025 consolidou um marco onde marcas registradas afirmaram identidade institucional, patentes depositadas revelaram capacidade inventiva e diálogo com o setor produtivo e softwares protegidos demonstraram avanço em soluções digitais, inteligência artificial e aplicações educacionais. Mais do que números, esses registros indicam maturidade e mostram uma universidade consciente de seu próprio valor criativo, preparada para proteger aquilo que produz.

No centro desse movimento está a AGIN, pois nenhum avanço relevante ocorreu de forma isolada, foi ela quem se tornou o eixo que organiza, orienta e dá sentido à proteção intelectual na UEA.

Sua atuação combinou mentoria, análise de potencial inventivo, redação e depósito de patentes, registro de programas de computador, estudos de anterioridade, suporte jurídico e acompanhamento de contratos. Mais do que executar processos, a AGIN formou cultura. O que antes era eventual tornou-se rotina estratégica.

A produção de PI da UEA é uma colheita coletiva, que nasce de pesquisas de graduação, mestrado e doutorado; de parcerias com o Polo Industrial de Manaus; de projetos de P&D financiados por fundos setoriais; de docentes com vocação empreendedora; de alunos apoiados pela INUEA; de demandas reais da sociedade e da indústria. Cada patente, cada software e cada marca é a expressão de uma universidade que se articula com seu território e devolve soluções concretas aos desafios amazônicos.

Proteger, porém, é apenas o primeiro passo, enquanto transformar é o gesto decisivo. Por isso, a UEA avançou na criação de mecanismos que conectam sua produção intelectual ao setor produtivo e às políticas públicas: a transferência de tecnologia ganhou modelos de licenciamento, acordos de cooperação, repartição de benefícios, parcerias industriais, negociações estruturadas e instrumentos formais que dão segurança jurídica às partes.

A transferência deixou de ser exceção e tornou-se estratégia, pois a proteção dos ativos posicionou a UEA como instituição confiável. Para o setor produtivo, ela passou a comunicar uma mensagem clara: temos conhecimento, temos tecnologia e estamos preparados para cooperar com segurança jurídica e excelência técnica. Isso abriu portas para novos contratos, ampliou o uso da Lei de Informática, fortaleceu a presença da UEA em

conselhos estratégicos e consolidou seu reconhecimento nacional como ICT relevante.

Ao mesmo tempo, a universidade ampliou a formação de estudantes e pesquisadores em Propriedade Intelectual, visto que patentes, sigilo, redação técnica, cultura de confidencialidade, empreendedorismo, modelos de negócio e inovação aplicada tornaram-se temas presentes na graduação, na pós-graduação, na incubadora e no STEM CRIAR. A PI deixou de ser uma barreira e passou a ser compreendida como uma ponte que liga o conhecimento às oportunidades.

CONCLUSÃO: INOVAR É PROTEGER

A Propriedade Intelectual é o alicerce silencioso da inovação amazônica. Graças ao trabalho da AGIN, a UEA tornou-se uma instituição que protege suas ideias, uma universidade que gera ativos, uma parceira confiável da indústria, promotora de oportunidades para seus estudantes e agente estratégico do desenvolvimento regional.

Na Amazônia, inovar é proteger, e proteger é permitir que as ideias encontrem caminho. A UEA aprendeu esse gesto e, com ele, inaugurou a base sólida de todo o ecossistema que este livro revela.



CAPÍTULO 5

PESQUISA, DESENVOLVIMENTO & INOVAÇÃO

A CIÊNCIA QUE ENCONTRA O TERRITÓRIO E O TRANSFORMA

A Amazônia é laboratório, enigma e futuro, e a UEA compreendeu que pesquisa não pode ser um exercício abstrato: ela precisa tocar o território, responder às urgências, antecipar soluções e produzir conhecimento capaz de transformar vidas.

Por isso, a política de Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação da UEA se constrói como um organismo vivo, que respira entre rios, cidades, florestas e salas de aula, conectando pesquisadores, estudantes, laboratórios, comunidades e empresas. A UEA faz PD&I não sobre a Amazônia, mas a partir dela, e isso muda tudo.

1. A pesquisa como resposta ao território

A pesquisa universitária só faz sentido quando encontra o mundo real e, no caso da UEA, ela nasce da própria Amazônia. A universidade responde à complexidade regional com projetos que dialogam com logística fluvial, saneamento, saúde ribeirinha, epidemias emergentes, educação científica, energia limpa, biodiversidade, clima, bioeconomia e modernização industrial.

A UEA trabalha com uma ciência que não se fecha no laboratório, mas que sai para o campo, volta com perguntas melhores e retorna ao território com soluções possíveis. Portanto, enquanto a Amazônia define a agenda, a UEA responde.

2. A consolidação da UEA como ICT amazônica _____

Entre 2022 e 2025, a UEA se afirmou como Instituição Científica e Tecnológica madura, capaz de captar recursos, desenvolver pesquisa aplicada, articular parcerias com indústria e governo, orientar políticas públicas e, sobretudo, produzir conhecimento com identidade amazônica. O que antes era esforço fragmentado tornou-se sistema, pois a UEA passou de usuária a produtora de ciência. E ciência amazônica.

3. A interdisciplinaridade como método natural _____

Na Amazônia, nenhum problema é isolado. Uma questão ambiental repercute na saúde; uma questão de energia influencia a educação; um desafio logístico altera a realidade social. A UEA transformou essa complexidade em método: engenharia conversa com saúde; biotecnologia encontra educação; tecnologia dialoga com cultura; meio ambiente se articula com economia amazônica. A interdisciplinaridade, portanto, não é apenas técnica, mas condição de existência.

4. Uma ciência que cria pontes _____

A UEA constrói redes com governos, indústria, instituições de fomento, comunidades ribeirinhas e povos tradicionais, e converte essas relações em pesquisa colaborativa.

Com o governo, atua em vigilância epidemiológica, educação, meio ambiente e planejamento territorial. Com a indústria,

desenvolve protótipos, sensores, softwares, automação e soluções em saúde e educação. Com as agências de fomento, consolida infraestrutura, laboratórios e bolsas de pesquisa. Com as comunidades, valida tecnologias sociais e incorpora saberes locais. A UEA faz ciência em diálogo, nunca em isolamento.

5. Laboratórios que respiram Amazônia _____

Os laboratórios da UEA não são apenas espaços de experimentação, são pontos de uma rede distribuída entre capital e interior, conectados por infraestrutura compartilhada, protocolos comuns e colaboração constante. Essa rede permite que um estudante de Parintins participe de pesquisas conduzidas em Manaus, ou que um docente da capital desenvolva estudos com dados e equipes do interior. Assim, A UEA criou um laboratório amazônico expandido, multicampi, vivo.

6. PD&I como estratégia de desenvolvimento regional ____

O ciclo 2022–2025 consolidou a UEA como força estruturante de inovação no Amazonas. Foram executados 138 projetos da Lei de Informática, com investimentos superiores a R\$ 290 milhões, que modernizaram laboratórios, financiaram bolsas, formaram equipes e aproximaram universidade e indústria. Esse fluxo constante mostrou que a ciência da UEA tem impacto econômico, social e ambiental. Dessa forma, a pesquisa vira infraestrutura, forma talentos, alimenta startups, fortalece cadeias produtivas e orienta políticas públicas.

7. O conhecimento que retorna ao território _____

A pesquisa da UEA se transforma em tecnologias aplicadas, sistemas de informação, soluções para saúde e meio ambiente, metodologias educacionais, ferramentas digitais, protótipos industriais e tecnologias sociais. Ou seja, o conhecimento não se encerra na publicação, mas volta para o território em forma de transformação. Logo, a ciência não busca apenas explicar — ela busca resolver.

CONCLUSÃO — A UEA COMO CASA DA CIÊNCIA AMAZÔNICA

O PD&I da UEA é mais do que política acadêmica: é projeto civilizatório. A universidade produz conhecimento para que o Amazonas sobreviva, enfrente desafios climáticos, fortaleça suas comunidades, amplie sua economia e invente seus próprios futuros. Pesquisas são feitas para formar talentos, sustentar parcerias, apoiar a indústria, orientar governos e proteger o território.

A pesquisa é necessária porque o futuro precisa de ciência e porque a Amazônia precisa da UEA.



CAPÍTULO 6

PD&I COM O SETOR EMPRESARIAL

A ALIANÇA ESTRATÉGICA ENTRE UNIVERSIDADE, INDÚSTRIA E TERRITÓRIO

A inovação amazônica não acontece isoladamente, mas nasce quando universidade, governo, setor produtivo e território encontram um caminho comum. A UEA descobriu, entre 2022 e 2025, que sua vocação científica só alcança maturidade quando dialoga com a indústria, e especialmente com o Polo Industrial de Manaus, que representa o maior arranjo produtivo da região Norte e um dos mais estratégicos do país. A parceria entre a UEA e o setor empresarial não é complementar, é estruturante. Ela transforma pesquisa em solução, forma talentos para o futuro, fortalece cadeias produtivas, acelera a modernização tecnológica e insere a Amazônia na economia da inovação.

1. A maturidade das parcerias tecnológicas

A UEA consolidou uma relação histórica com as empresas incentivadas pela Lei de Informática. Mais de 138 projetos foram desenvolvidos nesse ciclo, somando investimentos superiores a R\$ 290 milhões. Esses recursos ampliaram o alcance de laboratórios, financiaram bolsas, estruturaram equipes, modernizaram infraestruturas e fortaleceram competências científicas. Não se trata apenas de captação de recursos, mas de construção de confiança, pois a indústria passou a ver na UEA uma parceira sólida, tecnicamente competente, capaz de entregar soluções e produzir conhecimento aplicável. Desse modo, a universidade entrou no radar da economia real.

2. O encontro entre necessidades industriais e pesquisa universitária _____

As demandas do setor produtivo amazônico — automação, eletrônica, tecnologia da informação, logística, sustentabilidade, manufatura avançada, qualidade, rastreabilidade e inteligência de dados — encontram na UEA uma fonte ativa de pesquisa aplicada. Nesse sentido, docentes, estudantes, laboratórios e grupos de pesquisa passaram a trabalhar lado a lado com engenheiros, analistas, gestores e especialistas das empresas. Cada projeto tornou-se oportunidade de aprendizado mútuo e de construção de soluções adaptadas ao território. Logo, a indústria aprende com a universidade e vice-e-versa, de modo que o Amazonas ganhe com as duas.

3. Formação de talentos como impacto imediato _____

A parceria com o setor produtivo transforma estudantes em profissionais prontos para o mundo real, tendo em vista a participação de bolsistas em projetos estratégicos, vivenciando problemas industriais complexos, desenvolvendo competências técnicas avançadas e construindo redes de contato que ampliam suas oportunidades profissionais. Assim, o PIM deixa de ser horizonte distante e se torna sala de aula ampliada. Com isso, entende-se que é na interface entre universidade e indústria que surgem carreiras transformadoras.

4. Infraestrutura científica fortalecida pela cooperação empresarial _____

Os recursos advindos da Lei de Informática impulsionaram laboratórios, atualizaram equipamentos, formaram equipes técnicas, financiaram viagens acadêmicas, apoiaram pesquisas experimentais e criaram condições para que grupos emergentes se consolidassem como centros de referência. Graças a essa parceria, a UEA ampliou sua capacidade de produzir ciência aplicada, transformando laboratórios em motores de desenvolvimento regional.

5. Uma aliança que prepara o Amazonas para o futuro ____

A relação madura entre a UEA e o setor empresarial não serve apenas ao presente, mas também prepara o Amazonas para enfrentar desafios globais, como a transição energética, a automação, a indústria 4.0, a economia verde, a digitalização, a sustentabilidade industrial e novas cadeias de valor. Ao integrar ciência e economia, a UEA ajuda o Estado a construir políticas públicas mais consistentes, antecipar tendências tecnológicas e criar capacidade local de inovação. Assim a universidade se torna eixo estratégico do desenvolvimento regional.

CONCLUSÃO — A FORÇA DE UMA PARCERIA QUE TRANSFORMA

A UEA e o setor empresarial não caminham juntos por conveniência, mas por necessidade histórica, uma vez que a Amazônia exige soluções sofisticadas, tecnologias próprias, talentos locais, cadeias produtivas sustentáveis e políticas industriais conectadas à ciência, e nenhuma dessas condições se realiza sem uma universidade forte, assim como nenhuma universidade se fortalece sem diálogo com a economia real.

A parceria entre UEA e PIM demonstra que a inovação amazônica é possível, viável e estratégica, e é nesta aliança que a universidade encontra sua vocação tecnológica e que a indústria encontra seu caminho de desenvolvimento sustentável.

O futuro da Amazônia será construído por quem souber unir conhecimento, tecnologia e território, e a UEA já mostrou que está pronta para liderar essa união.



CAPÍTULO 7

INVESTIMENTO EM PESSOAS: BOLSAS, EQUIPES E A ENGRENAGEM HUMANA DA INOVAÇÃO

A inovação não começa em laboratórios, programas ou equipamentos; começa em pessoas. Nenhuma política pública tem força se não alcançar aqueles que a executam, a interpretam e a transformam em resultados concretos para a universidade e para o território amazônico.

Entre 2022 e 2025, a UEA fez uma das escolhas mais importantes de sua história recente: decidiu investir nas pessoas que sustentam a ciência. Esse investimento, expresso em bolsas, capacitações, equipes técnicas e oportunidades de formação, fortaleceu a engrenagem humana que move todo o ecossistema de inovação, pois inovar é, antes de tudo, cuidar de gente.

1. Bolsas como instrumento de transformação _____

Os investimentos em bolsas ultrapassaram R\$126 milhões no ciclo 2022–2025. Esse volume não representa apenas números, mas trajetórias que mudaram de direção, estudantes que puderam continuar seus estudos sem abandonar a universidade, professores que ampliaram sua capacidade de pesquisa, equipes técnicas que se profissionalizaram, incubadoras que cresceram e laboratórios que se tornaram mais dinâmicos. Cada bolsa é um gesto de confiança da universidade para com o estudante amazônico: “eu acredito em você, siga em frente”.

2. A força das equipes que sustentam a inovação _____

Laboratórios não funcionam sozinhos. Programas não se executam automaticamente. Pesquisas não se organizam por conta própria. Startups não amadurecem sem suporte. Parcerias não se consolidam sem acompanhamento técnico.

Em vista disso, por trás de cada avanço institucional, existe uma equipe de administradores, analistas, técnicos de laboratório, coordenadores de projeto, orientadores, bolsistas e gestores que transforma planos em realidade.

Essas equipes são o pulmão da inovação, garantindo que cada etapa, por mais complexa que seja, seja concluída com rigor, responsabilidade e espírito público.

3. A formação continuada como pilar do avanço institucional

A UEA compreendeu que talentos não podem ser apenas formados, mas precisam ser continuamente aperfeiçoados. Por isso, investiu em cursos, oficinas, capacitações, certificações, participação em eventos e programas de formação que ampliam competências técnicas e fortalecem o ambiente de inovação. Uma vez que o conhecimento não é estático, mas precisa ser alimentado, cada profissional que cresce leva consigo a universidade inteira.

4. A oportunidade como caminho de inclusão amazônica —

Para muitos estudantes e jovens pesquisadores, uma bolsa representa, para além do apoio acadêmico, dignidade, oportunidade

e possibilidade de futuro, permitindo que estudantes ribeirinhos permaneçam na universidade, que jovens do interior tenham acesso à pesquisa, que mães estudantes encontrem estabilidade e que pesquisadores iniciantes descubram sua vocação científica.

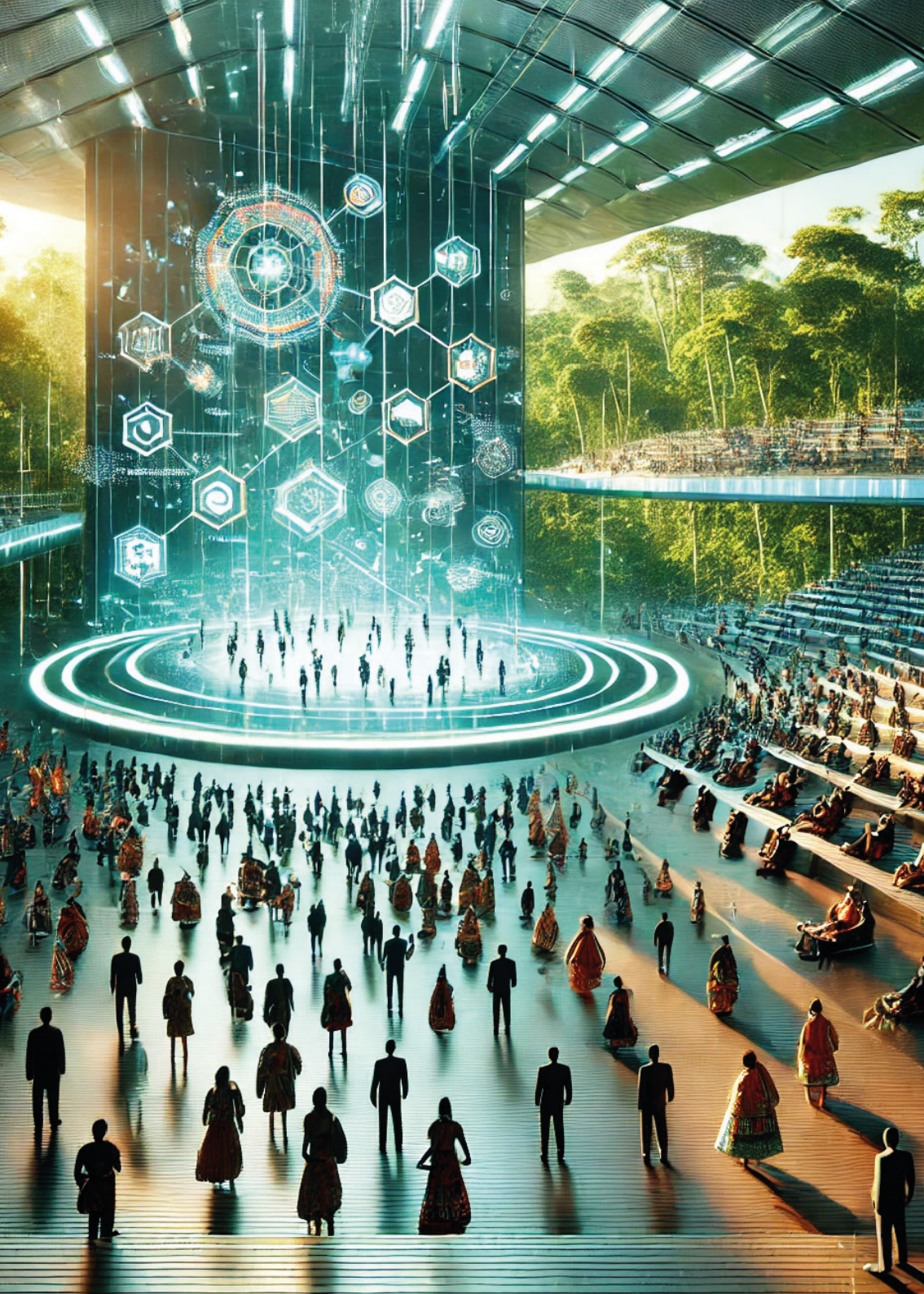
A política de bolsas é, portanto, política de inclusão e mobilidade social, onde a universidade cria condições para que ninguém fique para trás.

5. O investimento como estratégia, não como despesa _____

O Amazonas precisa de talentos capazes de compreender a floresta, a indústria, as cidades, a biotecnologia, a logística, a digitalização e a biodiversidade. Mas esses talentos não surgem espontaneamente; precisam ser cultivados. Investir em pessoas não é custo, é multiplicador, pois cada estudante formado, cada pesquisador consolidado, cada equipe fortalecida aumenta a capacidade do Estado de enfrentar seus desafios e criar soluções próprias. Desse modo, o dinheiro aplicado em gente retorna como inovação, desenvolvimento e soberania tecnológica.

CONCLUSÃO — PESSOAS COMO INÍCIO, MEIO E FIM DO ECOSSISTEMA

A UEA descobriu que a inovação amazônica não depende apenas de estruturas, mas, sobretudo, de quem as habita: do pesquisador que sonha, da estudante que insiste, da equipe técnica que sustenta, do orientador que orienta, do bolsista que aprende e do gestor que articula. Logo, não existem programas fortes sem pessoas fortes,



CAPÍTULO 8

EVENTOS DE INOVAÇÃO: A UEA COMO PALCO, PROTAGONISTA E CONEXÃO DE ECOSSISTEMAS

A inovação não acontece apenas dentro de laboratórios ou escritórios, mas também quando pessoas se encontram, compartilham ideias, testam hipóteses, apresentam resultados, trocam experiências e constroem redes que atravessam fronteiras disciplinares, institucionais e geográficas.

Entre 2022 e 2025, a UEA assumiu o papel decisivo de tornar-se palco e protagonista dos principais eventos de inovação da região Norte. Esses eventos não são celebrações, são dispositivos de desenvolvimento, vitrines de competências e espaços onde a Amazônia se conecta ao mundo. Cada evento realizado ou coorganizado pela UEA é uma abertura de portas, uma afirmação de presença e um gesto de liderança.

1. A universidade que ocupa a cena da inovação _____

Em um cenário em que muitas instituições preferem observar de longe, a UEA deixou de assistir à inovação acontecendo e decidiu estar no centro do movimento: Amazon HealthTech, Inova Itacoatiara, Innovation Week, FesPIM, Bio&TIC, Campus Party, SCI-Biz, Expo UEA Innovation e tantos outros encontros formaram, nesse período, uma constelação de espaços onde a universidade se apresentou não apenas como participante, mas como força motriz.

2. Eventos como vitrine, formação e estratégia _____

Cada evento revela competências, inspira estudantes, aproxima empresas, mobiliza docentes, fortalece iniciativas, gera

visibilidade pública, atrai parcerias e cria oportunidades de pesquisa e empreendedorismo. Mas, acima de tudo, eventos formam cultura, mostrando aos jovens amazônidas que inovação é acessível, possível e desejável; aos pesquisadores, que seu trabalho tem impacto; às empresas, que a universidade é parceira confiável; ao Estado, que ciência e desenvolvimento caminham juntos. Assim, o palco se transforma em sala de aula, e a sala de aula se transforma em futuro.

3. A construção de uma presença nacional _____

Ao participar e liderar eventos regionais e nacionais, a UEA reposicionou a Amazônia no mapa da inovação brasileira, de modo que o que antes era invisível aos grandes centros passou a ser reconhecido como uma das regiões mais promissoras em tecnologia, sustentabilidade, biotecnologia, indústria 4.0, economia verde e soluções digitais. A UEA, ao ocupar esses espaços, cria pontes com universidades, centros de pesquisa, startups, investidores, órgãos governamentais e organizações internacionais. Logo, eventos não são agenda, mas estratégia de reposicionamento territorial.

4. A força simbólica do encontro _____

Quando estudantes apresentam protótipos, pesquisadores divulgam resultados, startups expõem soluções e empresas buscam parcerias, algo profundo acontece: a universidade deixa de ser instituição abstrata e se torna comunidade viva. Nesse sentido, eventos permitem que talentos se encontrem, que ideias ganhem

rosto, que colegas se reconheçam, que a inovação deixe de ser conceito e se torne experiência. Logo, cada aplauso, cada conversa de corredor, cada demonstração de tecnologia cria pertencimento, que é o que sustenta ecossistemas.

5. O impacto duradouro da agenda de eventos _____

O ciclo de eventos da UEA não termina quando as luzes se apagam, mas continua nos projetos que surgem, nas parcerias que se consolidam, nas startups que amadurecem, nos artigos que são escritos, nas convocações de bolsistas, nas visitas técnicas que se multiplicam, nas reuniões que se seguem e nas narrativas que repercutem na sociedade. Portanto, eventos são sementes que, no território amazônico, se transformam em floresta.

CONCLUSÃO — A UEA COMO ANFITRIÃ DO FUTURO

Ao se tornar palco dos eventos de inovação, a UEA fez mais do que organizar agendas: ela afirmou ao Brasil e ao mundo que a Amazônia não é periferia tecnológica, mas centro de possibilidades. A universidade se posicionou, então, como anfitriã de um futuro que será construído por jovens amazônidas, pesquisadores dedicados, empresas que acreditam na ciência, governos que entendem o valor da tecnologia e comunidades que reconhecem a universidade como parceira essencial. A UEA celebra, inspira e conduz, e, portanto, nos eventos que protagoniza, revela ao mundo que a Amazônia é lugar de invenção.



CAPÍTULO 9

VISIBILIDADE EXTERNA: QUANDO A UEA ENTRA NO RADAR DA INDÚSTRIA, DA CIÊNCIA E DO PAÍS

Durante muito tempo, a UEA fez muito, mas o mundo sabia pouco: os avanços ficavam dentro dos campi, as pesquisas se difundiam lentamente, as parcerias surgiam de forma isolada. Entre 2022 e 2025, porém, esse cenário mudou, pois a UEA ganhou visibilidade, autoridade e reconhecimento público como instituição científica e tecnológica de relevância estratégica para o Amazonas e para o Brasil. Portanto, visibilidade não é vaidade, mas reputação, credibilidade e ampliação da voz e da presença da universidade, de forma que a UEA está oficialmente no radar.

1. A aproximação com o Polo Industrial de Manaus _____

A relação entre universidade e indústria jamais pode ser construída apenas por documentos, uma vez que nasce de encontros, visitas, demonstrações, conversas técnicas, apresentações de portfólios e presença institucional. Dessa forma, quando gestores e pesquisadores da UEA passaram a circular pelo PIM, demonstrando projetos, portfólios, competências e capacidade de entrega, algo decisivo aconteceu: o setor produtivo viu a universidade com outros olhos, e a UEA deixou de ser observadora para se tornar parceira estratégica.

2. O reconhecimento como instituição de confiança _____

A visibilidade externa gerou efeito imediato: empresas, órgãos públicos, ICTs nacionais, consultorias, associações e conselhos empresariais passaram a convidar a UEA para discutir temas estratégicos, como inovação, indústria 4.0, desenvolvimento

regional, políticas de CT&I, empreendedorismo, qualificação profissional, pesquisa aplicada e sustentabilidade. Uma vez que o convite é, muitas vezes, o primeiro sinal de respeito institucional, é também o início da confiança, pois a UEA passou a ocupar mesas onde antes não estava.

3. A presença em conselhos e instâncias decisórias _____

A entrada da UEA em conselhos como CIEAM, CONECTI e outros fóruns estratégicos ampliou a influência acadêmica sobre decisões que moldam o desenvolvimento do Amazonas. Nesses espaços, a universidade não apenas observa, mas orienta, apresenta dados, articula políticas, propõe caminhos e defende a importância da ciência para o futuro sustentável da região. Portanto, ter visibilidade significa ter voz ativa.

4. O retorno simbólico da sociedade _____

À medida que a UEA se apresentava publicamente, as comunidades amazônicas começaram a enxergar a universidade não apenas como instituição de ensino superior, mas também como produtora de soluções, parceira de municípios, referência técnica e agente de transformação social. Esse reconhecimento reforça o papel da universidade como organismo vivo, que pertence à sociedade e que responde às necessidades do território. Dessa forma, a visibilidade devolve à UEA o lugar que ela merece: o de protagonista.

5. A comunicação científica como força integradora _____

A ampliação da visibilidade também trouxe outro resultado: a imprensa, instituições científicas, pesquisadores e organizações passaram a citar, replicar e destacar resultados produzidos pela UEA. Relatórios, premiações, eventos, startups, pesquisas e parcerias passaram a circular com frequência nas redes e nos meios de comunicação. Assim, a ciência da UEA tornou-se história compartilhada, e a universidade ganhou rosto, nome e narrativa.

CONCLUSÃO — QUANDO A PRESENÇA SE TRANSFORMA EM INFLUÊNCIA

A UEA descobriu que visibilidade não é exposição, mas instrumento de transformação; ou seja, é o que permite atrair recursos, fortalecer parcerias, inspirar estudantes, influenciar políticas públicas e ocupar espaços decisórios capazes de direcionar o futuro da Amazônia. Hoje, a UEA é vista e reconhecida. E, com isso, torna-se capaz de ampliar seu impacto. Portanto, a visibilidade é o espelho que revela ao mundo o que a UEA sempre foi: uma universidade estratégica, competente, vibrante e indispensável ao desenvolvimento amazônico.



CAPÍTULO 10

PORTFÓLIOS TECNOLÓGICOS: A VITRINE DA INTELIGÊNCIA AMAZÔNICA

Toda universidade que produz conhecimento precisa torná-lo visível, mas uma universidade amazônica precisa ir além: deve torná-lo também útil, acessível e conectado às demandas de um território singular. Em vista disso, os portfólios tecnológicos da UEA surgem como resposta a essa necessidade, não como catálogo, mas como instrumento estratégico que organiza competências, orienta parcerias e revela ao mundo aquilo que a universidade é capaz de criar. O portfólio, portanto, não mostra apenas projetos, mostra identidade.

1. Os portfólios como linguagem da inovação _____

A inovação precisa ser compreendida por quem a financia, a utiliza, a transforma e a aplica. Por isso, os portfólios estruturados entre 2022 e 2025 se tornaram a linguagem que permite à UEA dialogar com empresas, governos, instituições científicas e investidores. Eles traduzem o trabalho acadêmico em possibilidades de impacto, transformam a pesquisa em oportunidade, dão forma ao que antes estava disperso. Ao folhear um portfólio, portanto, a sociedade enxerga a universidade.

2. A diversidade tecnológica que reflete a Amazônia _____

Os portfólios reúnem competências e projetos em áreas como indústria 4.0, saúde digital, soluções ambientais, biotecnologia, educação, computação, automação, sustentabilidade e tecnologias sociais. Essa diversidade não é acaso, mas um reflexo da própria Amazônia, que é múltipla, complexa, interdisciplinar, exigente

e repleta de desafios que pedem soluções tão amplas quanto seu território. Dessa forma, a UEA não tem uma vocação única; tem muitas, e todas dialogam entre si.

3. O portfólio como bússola para o setor produtivo _____

Para a indústria, especialmente o PIM, os portfólios tornaram-se ferramenta de orientação, pois mostram quem são os pesquisadores, quais tecnologias estão em desenvolvimento, quais laboratórios possuem infraestrutura adequada, onde estão as soluções emergentes e quais projetos podem ser acelerados com recursos de PD&I. A partir deles, empresas conseguem identificar oportunidades de parceria com velocidade e precisão e a UEA passa a ser compreendida e procurada.

4. Um instrumento que profissionaliza a relação com a sociedade _____

Embora carreguem o DNA amazônico, os portfólios modernos da UEA adotam padrões de universidades de referência, concentrando informações estratégicas, organizando competências por eixos, apresentando tecnologias de forma clara e revelando o que há de mais forte na pesquisa local.

A profissionalização dessa comunicação transforma a imagem institucional da UEA, de modo que a universidade passa a se apresentar não apenas como formadora de pessoas, mas como produtora de tecnologias, e isso altera o modo como o Estado e o setor produtivo a percebem.

5. Portfólios que inspiram e mobilizam

Para estudantes, bolsistas e jovens pesquisadores, os portfólios funcionam como mapa do possível, pois mostram caminhos, áreas emergentes, desafios abertos, temas que podem se tornar empresas, projetos ou pesquisas. Ao se verem ali, muitos estudantes descobrem que também podem contribuir, e que há lugar para suas ideias, seus sonhos e suas inquietações. Dessa forma, o portfólio é instrumento de visibilidade, mas também de inspiração.

CONCLUSÃO — A VITRINE QUE REVELA A INTELIGÊNCIA AMAZÔNICA

Os portfólios tecnológicos da UEA não servem apenas para divulgar, mas também para posicionar a universidade dentro do ecossistema de inovação, para conectar ciência e indústria, para inspirar jovens talentos, para alimentar políticas públicas e para mostrar ao Brasil e ao mundo que a Amazônia não é apenas provedora de recursos naturais, mas também de inteligência, criatividade e tecnologia. Os portfólios são, em última instância, a vitrine de uma Amazônia que pensa, que inventa e que transforma.



CAPÍTULO 11

PORTFÓLIO DE COMPETÊNCIAS: O MAPA VIVO DOS TALENTOS DA UEA

Antes de existir inovação e tecnologia, existem pessoas com conhecimento. Pensando nisso, a UEA compreendeu que, para se posicionar como instituição estratégica no desenvolvimento da Amazônia, precisava revelar seus talentos ao mundo. O Portfólio de Competências surge exatamente com esse propósito, pois não mostra apenas projetos ou laboratórios, mas mostra pessoas, trajetórias, especialidades, saberes, linhas de pesquisa, capacidades, conexões e potenciais. Ele é, em essência, o retrato vivo da inteligência da universidade.

1. O sentido profundo do portfólio _____

Ao organizar suas competências, a UEA deu o passo decisivo de tornar sua capacidade científica legível, de modo que o que antes estava disperso em departamentos, currículos, grupos de pesquisa e iniciativas individuais ganhou forma integrada. Nesse sentido, o portfólio permite que a universidade seja reconhecida não apenas pelo que produz, mas por quem produz. Ele é, então, um convite para que empresas, governos e instituições encontrem, com precisão, os pesquisadores capazes de responder a desafios reais do território, e é também um gesto de valorização interna, um reconhecimento da grandeza de cada docente.

2. A inspiração nacional e a tradução amazônica _____

O Portfólio de Competências da UEA dialoga com modelos consolidados, como o da Inova Unicamp, mas não os reproduz. Na realidade, traduz a lógica amazônica: múltiplas áreas de

conhecimento, realidades territoriais complexas, demandas regionais urgentes e uma universidade que não está concentrada em um único campus, mas espalhada por rios, estradas e cidades. Portanto, a UEA adaptou o modelo à sua geografia intelectual e a seu compromisso com o desenvolvimento inclusivo, e o resultado é único no Brasil.

3. A força da visibilidade docente _____

A construção desse portfólio devolveu aos professores algo essencial: visibilidade. Pois, ao serem mapeados, pesquisados e apresentados de forma clara e acessível, os docentes passaram a receber mais convites, estabelecer novas parcerias, participar de projetos interdisciplinares, integrar redes nacionais e conquistar reconhecimento público. Desse modo, o portfólio elevou o orgulho institucional e a percepção externa de que a UEA é uma universidade repleta de talentos.

4. O portfólio como instrumento estratégico _____

Para a indústria, o poder público e instituições científicas, o Portfólio de Competências é ferramenta de articulação, pois mostra onde estão os especialistas em sustentabilidade, automação, engenharia, TI, educação, saúde, biotecnologia, química, logística, energia, economia da floresta, cultura e tantas outras áreas. O portfólio cria as conexões de que a inovação precisa. Assim, em vez de perguntar “quem pode me ajudar?”, o setor produtivo passa a saber exatamente onde encontrar as respostas dentro da UEA.

5. O impacto interno: a universidade que se reconhece —

Ao organizar suas competências, a UEA também descobriu a si mesma. Professores de diferentes áreas passaram a perceber afinidades, complementaridades, potenciais de pesquisa conjunta e oportunidades de diálogo, de forma que a universidade deixou de ser um conjunto de departamentos separados para se tornar uma rede de inteligências. O portfólio é, nesse sentido, espelho (pois reflete o que a UEA é) e mapa (pois orienta o que a UEA pode se tornar).

CONCLUSÃO — O TALENTO AMAZÔNICO COMO PATRIMÔNIO ESTRATÉGICO

A Amazônia sempre teve biodiversidade abundante, mas também tem uma riqueza muitas vezes invisível: suas pessoas. Sob esse viés, o Portfólio de Competências afirma que o conhecimento amazônico é ativo estratégico, patrimônio intelectual e força de desenvolvimento, e também mostra que a UEA é composta por mentes capazes de enfrentar desafios planetários, propor soluções inéditas e construir caminhos sustentáveis para o futuro. Ao mapear suas competências, a UEA não apenas organiza sua inteligência, mas declara ao Brasil e ao mundo que possui pessoas capazes de transformar o Amazonas.



CAPÍTULO 12

SAMSUNG OCEAN 4.0: SEMEADURA DA INOVAÇÃO – STEM CRIAR: DISTRIBUIÇÃO DOS FRUTOS

SAMSUNG OCEAN 4.0, UM SOPRO ESTRUTURANTE (2014–2025)

Há programas que atravessam a universidade como ventos passageiros. Mas há outros que permanecem e sopram no modo aragem ao ponto de alterar o clima inteiro. O Samsung Ocean, sediado na Escola Superior de Tecnologia da UEA, tornou-se exatamente isso: um sopro estruturante, uma corrente que não apenas refresca, mas redesenha o percurso do próprio STEM CRIAR. Desde 2014, o Ocean já irradiava conhecimento, mas, entre 2022 e 2025, seu papel cresceu a ponto de se tornar espinha dorsal da formação tecnológica moderna na Amazônia, um laboratório vivo onde juventudes amazônidas aprendem a manipular códigos com a mesma familiaridade com que aprenderam a ler os rios.

Não se tratou, porém, de um ciclo comum, mas de um salto de escala onde 56.623 participações foram certificadas, cada uma representando um passo concreto na democratização do futuro; 2.175 cursos, sessões e eventos foram ofertados mês após mês, como um calendário permanente de oportunidades; 300 novos cursos ocorreram apenas no ciclo recente; e houve integração nacional com USP e UnB, elevando padrões, metodologias e rigor.

Este impacto não cabe em números, mas se manifesta nos rostos, nos sotaques, nos caminhos reescritos. O Ocean tornou-se, assim, o lugar onde a tecnologia encontra o território, e a Amazônia, sua própria voz digital.

1. A cultura do criador: quando o aluno deixa de consumir tecnologia e passa a inventá-la ---

O Ocean fortaleceu o entendimento de que a Amazônia não precisa ser somente usuária das tecnologias do mundo, pois pode ser autora. A partir de suas 14 trilhas formativas (Android, IA, UX, IoT, Blockchain, Metaverso, Wearables, Desenvolvimento Ágil e tantas outras), os estudantes passaram a habitar o ecossistema digital como quem volta à própria casa. Cada curso, mentoria e laboratório revelam o mesmo princípio: Criar é pertencer, e pertencer é transformar.

Esse movimento produziu a retenção de talentos como uma consequência irreversível, visto que jovens que antes deixavam Manaus para aprender tecnologia agora permanecem, empreendem, fundam *startups* e constroem soluções conectadas ao território. Portanto, o Ocean abriu portas que antes nem existiam.

2. 2025 — o ano em que a UEA entrou definitivamente no mapa nacional da inovação ---

O ciclo mais recente consolidou o Ocean 4.0 como referência em Inteligência Artificial Generativa e Internet das Coisas. O ápice desse processo foi a Innovation Week 2025, realizada em Manaus, que reuniu especialistas, startups, professores e criadores; conectou a cidade ao Brasil tecnológico e foi eleita Evento do Ano no Jaraqui Graúdo, reconhecimento máximo do ecossistema de inovação da região. Ali, Manaus viu com clareza que seu futuro digital não é promessa, é presença.

3. Impacto Social: o Ocean 4.0 como instrumento de equidade _____

No coração do programa, há um gesto simples e revolucionário: tudo é gratuito. Desse modo, cada curso, cada trilha, cada certificado oferece não só aprendizado, mas redistribuição de possibilidades. Logo, o diminui distâncias, derruba barreiras financeiras e transforma juventudes que não teriam acesso ao mundo tecnológico por meio dos caminhos convencionais. Para isso, utiliza a tecnologia como justiça social e a inclusão como política de Estado, potencializada pela iniciativa privada. O Ocean 4.0 é, portanto, a Amazônia formando seus próprios engenheiros do futuro.

4. O Ocean 4.0 como extensão natural no STEM CRIAR ____

Se o STEM CRIAR é o coração pedagógico da inovação, o Samsung Ocean é o pulmão que dá fôlego a esse corpo institucional: ele respira tecnologia, inspira talentos e expira oportunidades. Entre 2022 e 2025, a UEA fortaleceu não apenas um programa, mas também uma cultura, e criou o ambiente em que jovens amazônidas se reconhecem capazes de disputar o futuro e de inventá-lo. Portanto, O Ocean 4.0 não veio ocupar um espaço na universidade, mas expandir a própria noção de universidade, e ao fazer isso, ampliou a fronteira do que significa inovar na Amazônia.



CAPÍTULO 13

STEM CRIAR: A CIÊNCIA VIVA QUE TRANSFORMA TRAJETÓRIAS AMAZÔNICAS

A inovação só toca o coração de um território quando alcança suas crianças, e poucas iniciativas na história da UEA fizeram isso com tanta força quanto o STEM CRIAR. O programa não leva apenas kits de robótica, laptops ou sensores para escolas; ele leva horizontes, possibilidades e a descoberta de que um jovem amazônida pode criar tecnologia, resolver problemas reais e reinventar seu próprio destino.

O STEM CRIAR é, provavelmente, o gesto mais humano da UEA, uma vez que democratiza a ciência, leva a inovação para onde ela jamais havia chegado e mostra que o futuro amazônico pode nascer em qualquer lugar, seja numa escola ribeirinha, seja numa comunidade isolada, seja numa sala simples onde uma criança de 12 anos descobre que consegue programar.

1. A ciência como experiência e não como promessa _____

Para muitos estudantes, o STEM CRIAR é o primeiro contato com um laboratório: o primeiro toque em um sensor, o primeiro comando que faz um robô se mover e a primeira certeza de que a tecnologia não é estrangeira, mas é próxima, palpável e possível. No STEM CRIAR, a educação científica deixa de ser teoria distante e se torna experiência concreta, e é nesse instante que a inovação se instala: no momento em que o aluno percebe que pode ser autor do futuro, e não apenas espectador dele.

2. A Amazônia que o programa alcança _____

O STEM CRIAR percorre estradas, rios, vicinais e escolas de difícil acesso, chegando onde muitas políticas não chegam: no

interior profundo, nas escolas ribeirinhas, nas margens da floresta, em municípios que lutam diariamente por mais oportunidades educacionais. Não há, portanto, distância que o programa considere excessiva. A ciência viaja de barco, de carro, de balsa ou de avião, como for preciso, e cada chegada do STEM CRIAR carrega o mesmo significado: a UEA está aqui e acredita no seu talento.

3. O impacto numérico que se transforma em impacto humano

Nove mil estudantes vivenciaram o STEM CRIAR entre 2022 e 2025. Quatorze municípios receberam oficinas, formações e laboratórios móveis. Centenas de professores se tornaram multiplicadores. Milhares de horas de práticas científicas foram realizadas. Mas o número mais importante é outro: as vidas transformadas. A criança que hoje constrói um protótipo simples pode, amanhã, tornar-se engenheira, pesquisadora, técnica de laboratório, empreendedora ou líder comunitária. Dessa forma, o STEM CRIAR planta sementes, sabendo que a Amazônia, quando bem cuidada, sempre floresce.

4. O programa como porta de entrada para o ecossistema de inovação

O STEM CRIAR não termina na escola, mas inicia trajetórias que desembocam em trilhas tecnológicas do PIÍSA, projetos de iniciação científica, oficinas de prototipagem, participação em eventos, ingresso na incubadora INUEA, criação de startups juvenis e pesquisas orientadas por professores da UEA. Com isso, o estudante

que descobre sua vocação científica no STEM CRIAR pode seguir um caminho contínuo dentro da universidade, de modo que o programa seja a primeira porta de um corredor longo e promissor.

5. O significado simbólico: autoestima e pertencimento _____

O STEM CRIAR devolve algo essencial aos jovens amazônidas: a certeza de que eles pertencem à ciência, a fim de saberem que não são convidados ocasionais, mas protagonistas legítimos; não são destinatários passivos, mas criadores ativos; não são periferia do pensamento científico, são centro de uma nova visão de futuro. Nesse sentido, a autoestima intelectual, tão rara em regiões historicamente negligenciadas, floresce quando um jovem percebe que pode ser inventor de soluções para sua própria comunidade, e o STEM CRIAR desperta essa consciência.

CONCLUSÃO — A UEA QUE ACENDE PORONGAS NO TERRITÓRIO

O STEM CRIAR é mais que um programa. É uma poronga acesa nas mãos de crianças que caminham por um território imenso, desafiador e extraordinário. Assim, cada oficina, cada laboratório móvel, cada formação de professores acende uma chama que se espalha. O STEM CRIAR mostra ao Amazonas que a inovação começa cedo, começa perto, começa humilde, mas cresce com força quando encontra uma universidade comprometida com seu povo. Ao alcançar milhares de jovens, o programa revela que a ciência é caminho, que a tecnologia é instrumento e que o futuro da Amazônia já começou, e está nas mãos de suas próprias crianças.



CAPÍTULO 14

PUBLICAÇÕES CIENTÍFICAS: A INTELIGÊNCIA QUE SE MATERIALIZA E SE TORNA PATRIMÔNIO DA AMAZÔNIA

A ciência só existe plenamente quando se faz palavra, e a palavra, quando nasce de pesquisa séria, torna-se memória, prova e legado. Na UEA, publicar não é apenas requisito acadêmico, é um ato civilizatório de transformar descobertas individuais em conhecimento coletivo, o qual é capaz de orientar políticas públicas, inspirar novos pesquisadores e sustentar a soberania científica do Amazonas.

Entre 2022 e 2025, a UEA realizou um dos movimentos mais consistentes de produção científica de sua história recente. Foram 117 produtos por meio de resultados de pesquisas de PD&I — artigos, livros, relatos técnicos, capítulos, relatórios e produções especializadas — que registram em papel e em digital a inteligência amazônica em expansão.

Desse modo, cada publicação é uma marca deixada no território. Cada texto é uma semente que germina em outras mentes. Cada pesquisa é uma afirmação silenciosa de que a Amazônia não é objeto, é autora.

1. A escrita como prova de maturidade institucional _____

Quando uma universidade publica, ela se organiza. Quando publica de maneira contínua, amadurece. E, quando publica sobre seu próprio território, assume responsabilidade sobre ele. Nesse sentido, a UEA demonstra, pelo volume e qualidade de suas publicações, que possui pesquisadores formados e ativos, desenvolve ciência aplicada ao território, projeta conhecimento para além da sala de aula e sustenta seus programas de inovação com produção intelectual consistente. A UEA entende que é a escrita

que dá corpo à inovação: sem ela, os feitos se dispersam, mas com ela, se tornam política, método e referência.

2. A Amazônia como tema, método e urgência _____

As publicações da UEA não tratam da Amazônia como cenário distante, mas como protagonista. Os trabalhos exploram temas como: biodiversidade como plataforma de soluções, saúde ribeirinha e tecnologias de cuidado, energias limpas e desafios territoriais, educação em regiões isoladas, mudanças climáticas vividas diretamente no território, inovação social e tecnologias apropriadas e indústria 4.0 aplicada à realidade amazonense. Portanto, a UEA escreve aquilo que o Brasil precisa entender e que o mundo precisa reconhecer, de modo que a palavra científica torna-se instrumento de soberania.

3. A publicação como elo entre pesquisa, inovação e impacto _____

Os 117 produtos não são apenas números, são o alicerce que sustenta o ecossistema de inovação, alimentando os portfólios tecnológicos, orientando projetos do PIÍSA, fortalecendo a argumentação institucional, qualificando parcerias com o PIM e governos, ampliando a visibilidade científica, inspirando novos editais e programas e promovendo uma cultura de registro e continuidade. A publicação transforma, então, soluções locais em referências globais, visto que é assim que uma invenção da UEA deixa de ser apenas promessa e passa a ser contribuição científica.

4. A escrita como formação de talentos _____

Toda universidade se mede não apenas pelos professores que possui, mas pelos pesquisadores que forma. Sob esse viés, as publicações entre 2022 e 2025 revelam um fenômeno importante: os estudantes estão escrevendo, pensando e produzindo ciência. a UEA vê nascer uma geração amazônica que interpreta, formula, analisa e questiona através de projetos de iniciação científica, TCCs transformados em artigos, pesquisas integradas a laboratórios multicampi e equipes docentes que orientam novos talentos. Portanto, a escrita é um rito de passagem que marca o momento em que o estudante deixa de consumir conhecimento e passa a produzi-lo.

5. A UEA como ICT madura e reconhecida _____

O aumento das publicações fortalece o reconhecimento da universidade como Instituição Científica e Tecnológica estratégica, uma vez que publicar é também qualificar indicadores institucionais, consolidar reputação, gerar métricas para avaliação externa, sustentar pleitos perante agências como FAPESAM, CNPq e Finep, EMBRAPIL, projetar a UEA em simpósios, conferências e redes internacionais e mostrar ao Estado que a universidade produz conhecimento com rigor e profundidade. Desse modo, a UEA deixa de ser apenas usuária de ciência e torna-se produtora de conhecimento amazônico original.

CONCLUSÃO — A PALAVRA COMO TERRITÓRIO E A CIÊNCIA COMO MEMÓRIA

Cada publicação científica da UEA carrega um gesto político e existencial: o gesto de registrar a inteligência amazônica em sua própria voz. A escrita fixa o que o tempo apagaria, amplifica o que seria local, transmite o que precisa sobreviver, protege o que pertence ao território e oferece ao futuro um mapa daquilo que fomos capazes de compreender, e daquilo que ainda estamos destinados a descobrir. Com seus 117 produtos, a UEA mostra que a Amazônia não é silêncio, é pensamento, que, quando posto no papel, transforma-se em força, memória e legado científico para o Brasil e para o mundo.



CAPÍTULO 15

PREMIAÇÕES E O RECONHECIMENTO PÚBLICO DA TRAJETÓRIA E DA IDENTIDADE INOVADORA DA UEA

Nenhuma premiação é apenas um troféu. É testemunho, é confirmação pública de que uma trajetória silenciosa encontrou ressonância; de que um esforço coletivo se tornou visível; de que uma universidade não apenas trabalha, mas também transforma.

Entre 2022 e 2025, a UEA entrou definitivamente no radar regional e nacional da inovação, não porque buscou reconhecimento, mas porque produziu resultados dignos dele. A universidade foi chamada ao palco várias vezes para receber prêmios como Startup do Ano, Melhor Incubadora, Jaraqui Graúdo e Universidade Inovadora, e cada homenagem trouxe consigo uma mensagem: a Amazônia pensa, cria, empreende e inova, e a UEA é a inteligência organizadora dessa potência.

1. A premiação como espelho institucional _____

As honrarias recebidas pela UEA não representam apenas mérito técnico, mas revelam um ecossistema que amadureceu, estruturas que se fortaleceram, políticas que encontraram continuidade e pessoas que acreditaram no que estavam construindo. Se premiações funcionam como espelhos, ao olhar para o seu reflexo a UEA encontra a confirmação do valor da INUEA como incubadora multicampi, o reconhecimento da profundidade de seus projetos científicos, a força crescente de seu relacionamento com setor produtivo, a consistência de sua política de inovação e a autoridade crescente de sua presença em eventos nacionais. O que se celebra, portanto, não é o prêmio — é o processo.

2. A inovação que se tornou visível _____

A Amazônia sempre produziu conhecimento; o que faltava era visibilidade. Essas premiações demonstram o rompimento de um ciclo histórico de invisibilidade, revelando ao país um território intelectual que estava maduro, embora pouco percebido.

Os prêmios mostram que startups amazônicas competem de igual para igual com centros consolidados; que a UEA formou um modelo de incubação culturalmente adaptado ao território; que a universidade possui massa crítica suficiente para liderar políticas públicas e que a inovação aplicada à Amazônia é, por si, um diferencial competitivo. A UEA surge, assim, como a universidade que desmistifica a ideia de que a inovação só nasce em grandes centros urbanos.

3. O valor simbólico de cada conquista _____

Cada certificado, cada troféu, cada homenagem carrega o valor simbólico de reafirmar que o território amazônico é produtor, e não apenas receptor de soluções. A premiação Startup do Ano mostra que ideias surgidas na UEA podem se tornar negócios competitivos. A distinção de Melhor Incubadora reflete um método próprio, adaptado à Amazônia e baseado em acompanhamento pedagógico, cultura empreendedora e cuidado institucional. O reconhecimento como Universidade Inovadora demonstra maturidade acadêmica, governança consolidada e visão estratégica. E o Jaraqui Graúdo reafirma a presença viva da UEA na cena pública, valorizando comunicação científica, impacto social e compromisso com o

Estado. Portanto, cada prêmio é uma afirmação de pertencimento: a UEA está no centro das transformações amazônicas e o Brasil enxerga isso.

4. O efeito multiplicador das honrarias _____

Premiações não encerram ciclos, mas criam novos. Elas atraem parcerias, elevam a credibilidade da instituição, fortalecem editais futuros, ampliam redes nacionais e internacionais, inspiram estudantes e pesquisadores e criam cultura institucional de excelência. Nesse sentido, ao ver sua universidade reconhecida, o estudante se vê como parte desse reconhecimento, o docente se reconhece como protagonista e o gestor percebe que valeu a pena construir estruturas duradouras. Desse modo, a premiação transforma orgulho em responsabilidade que impulsiona para ir além.

CONCLUSÃO — O RECONHECIMENTO COMO PROMESSA DE FUTURO

As premiações da UEA entre 2022 e 2025 não celebram apenas o que foi feito, mas anunciam o que ainda está por vir, mostrando que a universidade alcançou um nível de maturidade institucional que inspira confiança e respeito; que o ecossistema de inovação amazônico tem forma, método, consistência e alma e que a Amazônia é capaz de produzir soluções que o mundo precisa aprender a ouvir. O reconhecimento público é, portanto, menos um aplauso e mais uma promessa de que a UEA continuará crescendo, inspirando, conectando e liderando. Logo, a premiação é o sinal, a jornada é o que importa. E a jornada da UEA está apenas começando.



CAPÍTULO 16

CONSELHOS ESTRATÉGICOS: A UEA NO CÍRCULO DAS DECISÕES QUE MOLDAM O FUTURO DA AMAZÔNIA

Um ecossistema de inovação não se consolida apenas com programas, laboratórios ou editais, mas se fortalece quando a universidade ocupa os espaços onde as decisões sobre o futuro são tomadas. Sob esse viés, entre 2022 e 2025, a UEA passou a integrar conselhos estratégicos de ciência, tecnologia, inovação e desenvolvimento econômico. Esses assentos não representam apenas presença institucional, mas afirmação política, uma vez que são espaços de influência, de formulação e de participação ativa na construção do futuro do Amazonas, onde a UEA deixa de ser convidada eventual e se torna força intelectual permanente, contribuindo com visão científica, planejamento territorial e compromisso público.

1. O conselho como território de soberania intelectual _____

No Amazonas, conselhos estratégicos funcionam como arenas de definição de prioridades, diretrizes e investimentos. Contudo, durante décadas, a academia esteve pouco presente nesses espaços, criando um vácuo entre o pensamento científico e as decisões práticas; mas a entrada da UEA alterou essa dinâmica, visto que, em um novo cenário, a universidade passou a introduzir rigor metodológico, visão ambiental, leitura territorial e defesa do interesse público nos conselhos. Não é, portanto, apenas uma cadeira ocupada, mas uma mudança de perspectiva: o conhecimento passa a sustentar decisões estruturantes.

2. Quando a universidade atravessa a porta das decisões _____

Participar desses conselhos abriu novas possibilidades de ação institucional, as quais a UEA aproveitou para ampliar sua capacidade de dialogar com o setor produtivo, orientando políticas públicas, fortalecendo programas da Lei de Informática e aproximando a pesquisa aplicada das demandas reais do Estado. Essa presença transformou relações históricas, pois o setor produtivo passou a enxergar a UEA não como instituição distante, mas como parceira estratégica; e o governo começou a considerar a universidade em debates sobre inovação, sustentabilidade, bioeconomia e desenvolvimento regional. Logo, o conselho tornou-se uma ponte, e a UEA arquiteta dessa travessia.

3. O impacto institucional da presença em conselhos _____

Com a UEA nesses espaços deliberativos, a universidade ganha densidade e protagonismo, pois essas participações ampliam a credibilidade acadêmica perante a indústria, facilitam a captação de recursos e a celebração de parcerias, fortalecem programas de PD&I, tornam visível a capacidade real da UEA de produzir conhecimento aplicado e consolidam a universidade como ator indispensável na formulação de políticas para a Amazônia. Assim, vê-se a transformação institucional em seu sentido mais profundo: a universidade passa a influenciar o ambiente onde antes apenas reagia.

4. A UEA como força intelectual do setor produtivo _____

Os conselhos ligados ao Polo Industrial de Manaus constituem um marco decisivo onde, pela primeira vez, a UEA não apenas dialoga com a indústria, mas ajuda a definir rumos tecnológicos. Essa aproximação permite que a universidade compreenda melhor as necessidades do setor produtivo e, ao mesmo tempo, que as empresas reconheçam a UEA como fonte confiável de soluções. Assim, a universidade se torna catalisadora de pesquisa aplicada, de inovação aberta e de formação profissional direcionada às transformações da nova economia amazônica, de forma que a UEA deixe de ser usuária de tecnologia para se tornar produtora e articuladora.

5. Conselhos como espaços de maturidade institucional _____

Para atuar em conselhos estratégicos, é preciso mais que conhecimento técnico; é necessário ter visão sistêmica, capacidade diplomática, leitura de cenários, firmeza ética e protagonismo institucional. Nesse sentido, a UEA amadurece ao assumir esse papel, aprendendo a dialogar com atores diversos, a defender posições baseadas em evidências e a participar de decisões complexas que impactam milhões de pessoas. É, portanto, a universidade afirmando que seu dever não é apenas formar, mas também orientar, inspirar e conduzir.

CONCLUSÃO — O LUGAR ONDE A UEA SE TORNA INDISPENSÁVEL

A presença da UEA em conselhos estratégicos revela sua verdadeira vocação: ser a inteligência pública do Amazonas, pois na mesa das grandes decisões, a universidade cumpre seu destino histórico de orientar o futuro com base em ciência, ética e compromisso com a Amazônia. Esses conselhos consolidam a UEA como protagonista, articuladora e referência, transformam a universidade em centro de pensamento estratégico e inserem a inovação amazônica no debate institucional mais importante. O futuro do desenvolvimento da região, portanto, é moldado nesses espaços, e a UEA está sentada neles, não como convidada, mas como força indispensável.



CAPÍTULO 17

PIÍSA: A TEIA AMAZÔNICA DA INOVAÇÃO

O Amazonas sempre funcionou como uma grande rede onde rios se entrelaçam, florestas dialogam e comunidades se conectam por laços silenciosos que atravessam séculos. O PIÍSA — Programa de Inovação Tecnológica, Empreendedorismo e Sustentabilidade — nasce dessa mesma lógica natural e ancestral, pois não cria uma teia, mas reconhece a teia que já existe. Com isso, o programa transforma essa vocação amazônica em método contemporâneo de inovação e, assim, a UEA encontra uma forma de unir pesquisa, território e futuro.

1. O sentido da teia _____

O nome PIÍSA, de origem tupi-guarani, remete à ideia de rede e de conexão. Nesse sentido, o programa funciona justamente como um espaço onde elementos antes dispersos passam a dialogar, ou seja, pesquisas ganham aplicações, ideias encontram apoio, estudantes descobrem caminhos, professores encontram parceiros e empresas começam a enxergar a universidade como fonte de soluções concretas. O PIÍSA costura essas partes com naturalidade, criando continuidade e dando forma ao fluxo criativo que atravessa a UEA.

2. O programa como ponto de encontro entre universidade, território e mercado _____

No período de 2022 a 2025, o PIÍSA se consolidou como um espaço de convergência, onde surgiram projetos que atravessam fronteiras disciplinares e territoriais: o estudante transforma

curiosidade em protótipo, o professor amplia o impacto de suas pesquisas, e a indústria encontra interlocutores capazes de compreender desafios reais. Logo, o território não é pano de fundo, é fonte, inspiração e destino. Desse modo, o PIÍSA devolve à Amazônia a autonomia de pensar suas próprias soluções.

3. A dimensão pedagógica _____

O programa funciona também como uma escola que não está presa a disciplinas, mas a desafios, onde os participantes aprendem a trabalhar em equipe, identificar problemas reais, desenhar modelos de negócio, prototipar e testar, comunicar ideias e compreender o impacto social e ambiental de cada escolha. Sabe-se que a Amazônia precisa de profissionais que naveguem entre mundos diferentes: da floresta ao laboratório, da comunidade à indústria, da pesquisa ao mercado. Portanto, o PIÍSA forma essa geração híbrida, resiliente e criativa.

4. A dimensão empreendedora _____

Muitas startups da UEA nasceram a partir de projetos desenvolvidos dentro do PIÍSA, visto que o programa funciona como radar, motor e sistema de apoio. Ele conecta estudantes à incubadora INUEA, orienta o acesso a editais, aproxima laboratórios multicampi de quem precisa deles e amadurece ideias até que se transformem em soluções reais. Portanto, a Amazônia não precisa importar modelos de inovação, pois o PIÍSA demonstra que ela pode criar os seus, enraizados em sua própria realidade.

5. A dimensão ambiental e climática _____

Inovar na Amazônia exige responsabilidade ecológica e sensibilidade territorial, e o PIÍSA incorpora isso como eixo formador. Embora os projetos enfrentem problemas reais relacionados ao abastecimento de água, à energia limpa, à comunicação em áreas remotas, à saúde, a resíduos e à logística em rios, sempre buscam soluções que respeitam a floresta, melhoram vidas e fortalecem comunidades. Através do PIÍSA, então, a UEA investe em tecnologia que não rompe o território, mas que o compreende.

6. O PIÍSA como política institucional da UEA _____

Com o tempo, o programa deixou de ser apenas iniciativa e tornou-se política interna consolidada, visto que ele integra a AGIN, a incubadora, as escolas superiores, os centros interiorizados e diversos parceiros públicos e privados. Essa integração influenciou novas metodologias, estimulou cultura colaborativa e ajudou a criar um ambiente onde a inovação não é evento isolado, mas rotina institucional. Logo, o PIÍSA ensinou a UEA a pensar como sistema.

CONCLUSÃO — A TEIA QUE SUSTENTA O FUTURO _____

O PIÍSA é o coração da inovação amazônica dentro da universidade, visto que transforma conhecimento em movimento, ideias em soluções e vocação territorial em estratégia institucional.

III

INOVAÇÃO EM MOVIMENTO (2022-2025)



CAPÍTULO 18

A UEA COMO PROTAGONISTA ESTADUAL DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

A ciência amazônica sempre existiu; o que faltava era que ela fosse reconhecida como força estratégica do Estado. Nesse sentido, entre 2022 e 2025, a UEA deu um salto decisivo: deixou de ser apenas instituição de ensino e assumiu o papel de cérebro científico do Amazonas. Porém, esse movimento não foi espontâneo, e sim resultado de uma combinação rara entre maturidade institucional, ousadia política, visão territorial e articulação com os setores que moldam a economia regional. Assim, a UEA encontrou sua voz e passou a influenciar políticas públicas, orientar decisões estratégicas e legitimar projetos de desenvolvimento tecnológico, de forma que a universidade tornou-se referência e, mais importante, tornou-se necessária.

1. O momento da virada _____

Até recentemente, a UEA era reconhecida sobretudo por sua presença multicampi e por sua capacidade de formar professores, engenheiros, enfermeiros e profissionais essenciais. Mas havia um potencial silencioso: laboratórios distribuídos pelo estado, pesquisadores experientes, conexões com o Polo Industrial de Manaus, estudantes talentosos e projetos de grande impacto social. A partir de 2022, esse potencial encontrou direção, pois a universidade passou a produzir soluções de interesse público, organizar seus portfólios, participar de conselhos estratégicos e dialogar com a indústria em pé de igualdade. O Amazonas descobriu, portanto, que tinha uma ICT forte com capacidade de liderar.

2. Quando a UEA assume o centro do tabuleiro _____

A transformação se tornou visível em gestos concretos: participação ativa na formulação de políticas estaduais de CT&I; articulação com secretarias, órgãos reguladores e autarquias; protagonismo em discussões sobre bioeconomia, digitalização e sustentabilidade; aproximação estruturada com a indústria e associações empresariais; presença qualificada em eventos regionais e nacionais e reconhecimento público em premiações e fóruns de inovação. Nesse contexto, a UEA deixa de reagir e passa a propor e a orientar, de forma que a universidade torna-se força intelectual do Estado e presença indispensável nas decisões de longo prazo.

3. A UEA como referência técnica da indústria _____

A relação com o Polo Industrial de Manaus revela o grau de maturidade alcançado, uma vez que a universidade consegue traduzir necessidades industriais em projetos de pesquisa, orientar investimentos em PD&I, preparar mão de obra especializada e oferecer soluções tecnológicas que fazem diferença no chão de fábrica. Com isso, a indústria deixa de olhar para fora em busca de parceiros, e passa a olhar para dentro, para a UEA, com confiança, respeito e expectativa. Essa mudança não é apenas institucional, mas também simbólica, pois afirma que o Amazonas pode produzir seu próprio conhecimento e construir sua própria inteligência tecnológica.

4. A UEA como articuladora do território _____

A presença multicampi sempre foi a marca institucional da universidade, mas agora ela assume nova dimensão, visto que cada unidade interiorizada passa a ser um polo de pesquisa aplicada, de formação especializada e de inovação contextualizada voltada às vocações produtivas de cidades como Parintins, Itacoatiara, Tefé, Tabatinga, Humaitá e Autazes. Assim, a UEA se torna uma rede viva que pensa e age em escala territorial, conectando laboratórios, projetos, startups e comunidades, contribuindo para uma ciência amazônica distribuída, democrática, plural e profundamente enraizada na realidade local.

5. A nova percepção pública da UEA _____

Com a consolidação da AGIN, o fortalecimento da incubadora, o avanço dos portfólios tecnológicos e o impacto de programas como STEM CRIAR e PIÍSA, o Estado passou a reconhecer a UEA como instituição estratégica. Dessa forma, a universidade entra no radar da política econômica, da inovação, da indústria, da educação e da sustentabilidade, de modo que mudam o discurso, a visão e o lugar da universidade. Portanto, a UEA deixa de ser apenas componente do sistema educacional e passa a ser uma infraestrutura de Estado tão essencial quanto energia, saúde ou transporte.

CONCLUSÃO — A UNIVERSIDADE QUE O AMAZONAS PRECISAVA FINALMENTE SE REVELA

Entre 2022 e 2025, a UEA mostrou que ciência, tecnologia e inovação não são adereços institucionais, mas fundamentos de desenvolvimento; mostrou também que pode orientar o Estado, influenciar decisões, produzir soluções, formar quadros estratégicos e dialogar com o setor produtivo em nível avançado. Desse modo, a universidade se torna protagonista porque amadureceu, porque escolheu dialogar com o território e porque aceitou o papel histórico de ser a inteligência pública que articula a Amazônia e prepara o futuro. A partir daqui, a UEA não poderá voltar ao anonimato científico nem ao isolamento acadêmico, pois se tornou o que sempre esteve destinada a ser: a força que pensa, estrutura e sustenta a inovação no Estado do Amazonas.



CAPÍTULO 19

A UEA COMO REDE VIVA: A VOCAÇÃO QUE SE TORNA ESTRUTURA

Algumas universidades se organizam como edifícios; outras como arquivos; poucas como sistemas. A UEA escolheu ser uma rede, não por decisão administrativa, mas por natureza, pois a Amazônia não funciona de modo linear: o território pensa em rios, fluxos, tensões, caminhos que se abrem e se fecham conforme as estações. A UEA nasce dessa lógica, espalhada sobre um mapa continental, conectando escolas superiores, centros interiorizados e comunidades que enxergam na universidade não apenas acesso ao ensino, mas presença do Estado, oportunidade e futuro. Entre 2022 e 2025, então, essa rede adormecida ganhou movimento, e a inovação começou a circular não como ação isolada, mas como cultura institucional, atravessando unidades, pessoas e territórios. Dessa forma, a UEA se revelou como organismo vivo.

A vocação multicampi que se transforma em inteligência distribuída Durante muito tempo, a multicampia foi vista como desafio logístico, mas hoje é reconhecida como diferencial estrutural, pois cada unidade da UEA, seja na capital, seja às margens dos grandes rios, produz conhecimento a partir de condições locais, vocações produtivas, necessidades comunitárias e potenciais científicos. Essa diversidade, porém, não separa a universidade, mas a fortalece. O interior não é extensão da capital, é laboratório de futuro, ambiente de experimentação e peça indispensável do ecossistema. A UEA, portanto, se move no ritmo do território, e isso a torna única.

1. A rede que aprende com a própria Amazônia _____

A floresta ensina que toda estrutura viva depende da interação entre suas partes, e assim é a UEA: professores dialogam com pesquisadores do outro extremo do estado; estudantes participam de trilhas de inovação conectadas digitalmente; laboratórios compartilham protocolos e equipamentos e gestores constroem estratégias que nascem do encontro entre realidades distintas. Assim, o que antes era fragmentação agora é sinergia, de forma que a universidade compreende que sua força está justamente no encontro de mundos diferentes.

2. A circulação da inovação como energia vital da UEA _____

Programas como OCEAN 4.0, STEM CRIAR, PIÍSA, INUEA e PRIES criaram trilhas de circulação intelectual, fazendo com que a inovação deixasse de ser iniciativa concentrada na capital e passasse a fluir entre os campi, acompanhando rios, estradas, voos e conexões digitais. Dessa forma, ideias que nascem em Tabatinga ganham forma em Manaus, são testadas em Parintins, dialogam com empresas do PIM e retornam ao território como soluções aplicadas, de modo que a inovação passa a ter movimento contínuo, orgânico e comunitário. Assim, a UEA aprende que inovação não é sede física, mas fluxo.

3. A inclusão territorial como expressão de cidadania científica

Quando a UEA chega ao interior com laboratórios, incubação, programas de empreendedorismo e oficinas de ciência aplicada, ela leva algo maior do que formação técnica: leva a ideia de que o conhecimento pertence a todos, pois entende que a rede viva não exclui periferias, mas, pelo contrário, nasce delas. A UEA não exige que o estudante venha até a universidade, mas se desloca até ele, e isso muda destinos. Desse modo, a inovação se torna direito, não privilégio.

4. A rede que prepara a universidade para o futuro digital e amazônico

Ao distribuir suas competências pelo território, a UEA cria as condições para sistemas de pesquisa conectados, laboratórios em rede, oferta digital de formação, incubação multicampi, participação ampliada em projetos de PD&I e fortalecimento da soberania científica amazônica. Essa arquitetura descentralizada torna a UEA mais resiliente, mais inovadora e mais preparada para desafios climáticos, tecnológicos e sociais das próximas décadas. Assim a universidade deixa de ser prédio e torna-se plataforma.

CONCLUSÃO — A UEA COMO ORGANISMO VIVO AMAZÔNICO

Entre rios e florestas, a UEA aprende a viver como elas: conectada, interdependente e em movimento. A universidade se descobre rede viva porque a Amazônia é rede viva, se organiza como o território se organiza e pensa como o território pensa. E é essa sintonia amazônica profunda entre ciência e floresta, entre inovação e território, que sustenta a próxima fase da UEA. Se a rede está formada e a inteligência, distribuída, o futuro, finalmente, tem por onde circular.



CAPÍTULO 20

A INOVAÇÃO COMO VOCAÇÃO E COMO FUTURO: A UEA DESCOBRE O PRÓPRIO DESTINO

Em certos momentos da história de uma instituição, não é ela quem escolhe a inovação, mas a inovação é quem a escolhe. Nesse sentido, entre 2022 e 2025, a UEA viveu a descoberta de que inovar não era movimento externo, mas expressão natural de sua própria identidade. Sabe-se que a inovação não surge como moda, como exigência burocrática ou resposta a pressões externas, mas brota do encontro entre a vocação territorial da universidade, seu compromisso público e a criatividade amazônica que pulsa em cada campus, laboratório e sala de aula. Dessa forma, a UEA não adota a inovação, mas se reconhece nela.

1. O despertar de uma vocação _____

Durante décadas, a universidade concentrou-se em formar professores, engenheiros, médicos, odontólogos, enfermeiros, pesquisadores e profissionais que sustentam o desenvolvimento do Estado. Essa função permanece essencial, mas o período recente revelou algo novo: a UEA começou a perceber que podia fazer muito mais do que formar pessoas; podia formar futuros. Esse despertar aparece nos programas que ganharam força, nos talentos que emergiram, nas parcerias que se consolidaram e no reconhecimento que veio de fora. Com isso, a UEA percebeu que tinha densidade suficiente para orientar agendas estaduais de tecnologia, dialogar com a indústria e influenciar políticas públicas. A inovação, portanto, deixou de ser atividade periférica e se tornou linguagem institucional.

2. A maturidade institucional que transforma cultura em sistema _____

A partir de 2022, a UEA deu passos decisivos para estruturar um ecossistema robusto: fortaleceu a AGIN, consolidou a INUEA, expandiu o PIÍSA, integrou laboratórios, padronizou metodologias, criou portfólios e entrou no radar da indústria e de instituições nacionais. Esses movimentos revelam maturidade, de tal modo que a universidade não se limita a um conjunto iniciativas isoladas, mas desenvolve um sistema coerente, capaz de integrar ciência, educação, tecnologia e desenvolvimento regional. Assim, o que antes parecia disperso ganhou sentido, e que antes era esforço individual se tornou direção coletiva.

3. O território como fonte e destino da inovação _____

A UEA internalizou a percepção de que inovar na Amazônia não é replicar modelos externos, é compreender que a solução nasce da cultura, dos desafios e das possibilidades do próprio território. Nesse sentido, os projetos de pesquisa começaram a dialogar com problemas reais, as startups passaram a olhar para demandas locais, e os programas educacionais e tecnológicos incorporaram a ideia de que a inovação amazônica precisa ser útil, responsável e enraizada. Com isso, a floresta deixou de ser imagem distante e voltou a ser matriz inteligente.

4. A inovação como alicerce da universidade do futuro _____

À medida que programas, laboratórios, eventos e parcerias se articularam, a UEA começou a se ver não apenas como instituição acadêmica, mas como plataforma de desenvolvimento. Com isso, a inovação tornou-se o alicerce que sustenta o crescimento acadêmico, amplia a relação com a sociedade e fortalece a universidade como infraestrutura de soberania científica.

5. Quando o reconhecimento externo confirma a vocação —

Todos os prêmios, convites, parcerias, participações em conselhos, presença em grandes eventos, integração com o Polo Industrial de Manaus demonstraram que a UEA ultrapassou a fronteira do “potencial” e entrou na fase do “protagonismo”. Sabendo que o olhar externo funciona como espelho, ele mostrou à UEA que seu caminho está firmemente alinhado ao que o Estado e o país precisam: inteligência institucional para orientar o desenvolvimento sustentável da Amazônia. A universidade, então, passou a ser vista não como coadjuvante, mas como referência, e essa mudança não é estética, é estrutural. Desse modo, quando a inovação se torna base, tudo o que nasce sobre ela ganha força, estabilidade e horizonte.

CONCLUSÃO — A UEA ENCONTRA SEU LUGAR NO FUTURO

O período de 2022 a 2025 foi mais que um ciclo administrativo, foi o tempo em que a UEA descobriu sua identidade como instituição de inovação: a universidade se reencontrou com sua vocação natural, com sua missão territorial e com a responsabilidade histórica de pensar o futuro amazônico. Dessa forma, a inovação, na UEA, não é acessório nem adorno, é destino que inaugura uma nova etapa, em que a universidade será não apenas formadora de talentos, mas articuladora de soluções, criadora de tecnologias, orientadora de políticas públicas e protagonista do desenvolvimento sustentável da Amazônia. Portanto, a UEA chega ao limiar de 2030 sabendo quem é aonde pode levar o Estado.

IV

VISÃO 2034



CAPÍTULO 21

UEA 2034: A UNIVERSIDADE QUE LIDERA A INOVAÇÃO AMAZÔNICA

A inovação não é um destino, e sim uma caminhada. E a UEA, ao longo de sua trajetória, tem sido a instituição que pavimentava o caminho para que a Amazônia tenha um futuro em pé. Então, ao olhar para 2034, a universidade não imagina um horizonte abstrato, mas projeta um sistema vivo, capaz de pensar, formar, integrar, articular e transformar o território amazônico pela força da ciência, da tecnologia e do empreendedorismo. Com isso, depois de vinte e cinco anos de existência, a UEA alcança maturidade institucional rara no país, e a sua história revela pilares que hoje definem sua identidade: a interiorização como política pública de longo prazo, a inovação como instrumento de desenvolvimento, a formação de talentos como missão civilizatória, a articulação com a indústria como aliança estratégica e a sustentabilidade como fundamento ético e técnico. Cada um desses elementos, portanto, sustenta a universidade que a UEA será em 2034, não porque deseja, mas porque construiu.

1. Eixo da Amazônia Tecnológica _____

Nesse futuro próximo, a UEA emerge como eixo da Amazônia Tecnológica, atuando em um ambiente onde a ciência da floresta ganha prestígio global, a bioeconomia se consolida como vetor econômico, a inteligência artificial molda práticas de ensino e gestão e a energia limpa redefine a logística regional. Com isso, startups amazônicas começam a disputar espaços nacionais e laboratórios multicampi se tornam pontes entre pesquisa avançada e demandas sociais. Portanto, a inovação deixa de ser um apêndice e se torna espinha dorsal do projeto universitário.

2. Para sustentar esse salto, a governança também se transforma _____

A UEA de 2034 é guiada por uma arquitetura preparada para o século XXI: uma Pró-Reitoria de Inovação, Empreendedorismo e Sustentabilidade; diretrizes próprias de PD&I; fundos permanentes de apoio tecnológico; programas de aceleração; modelos de gestão baseados em dados e contratos de desempenho que vinculam metas acadêmicas a resultados territoriais. Com isso, a governança deixa de ser burocracia e passa a ser o desenho que permite que o futuro aconteça. Além disso, a universidade também se reinventa como rede de ecossistemas territoriais, uma vez que a Amazônia não se deixa compreender a partir de um único centro, e por isso, até 2034, a UEA se converte em mosaico: polos regionais de inovação, hubs temáticos, incubadoras multicampi, STEM itinerante, laboratórios conectados por alta tecnologia.

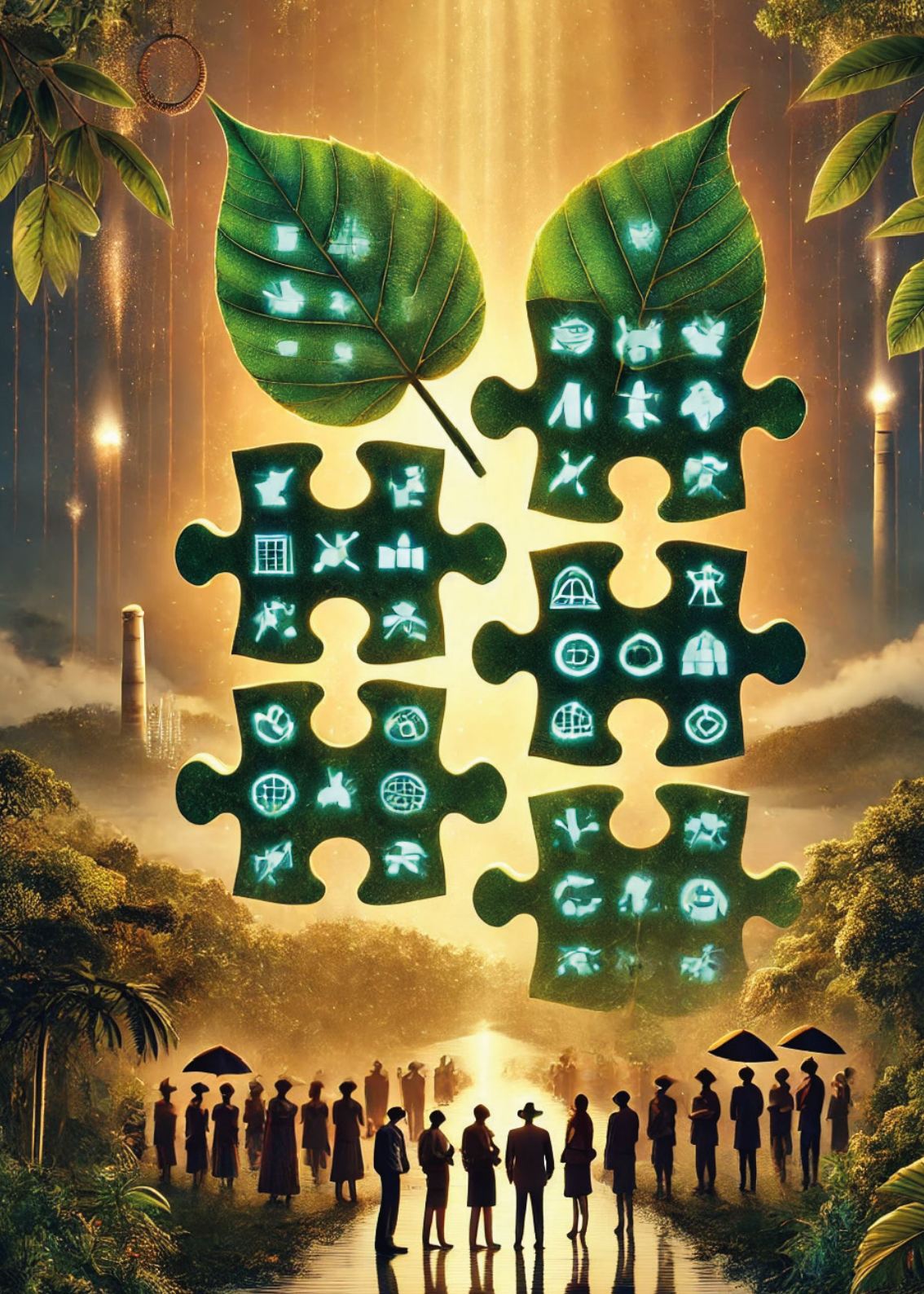
3. Esse modelo é inédito no Brasil _____

A UEA deixa de ser uma universidade com unidades no interior e passa a ser um sistema de inteligência distribuída ao longo do território. Com isso, a inteligência amazônica deixa de ser tratada como exotismo e passa a ser reconhecida como ativo global. Logo, a UEA assume seu papel como produtora de conhecimento sobre biodiversidade, mudanças climáticas, tecnologias sociais, plataformas digitais adaptadas às realidades ribeirinhas, soluções para saúde remota, modelos de transição energética e formação docente para contextos complexos. Em 2034, a UEA é referência

internacional: a universidade do clima, da floresta e da inovação sustentável. Nada disso, porém, estaria completo sem a inclusão como política de Estado. A UEA projeta, para a próxima década, a expansão do STEM CRIAR para todos os municípios; programas de empreendedorismo feminino amazônico; estímulo a startups indígenas e ribeirinhas; trilhas formativas conectadas à indústria verde; digitalização dos processos educacionais com IA inclusiva e formação de lideranças tecnológicas com impacto nacional.

CONCLUSÃO - NA UEA, INCLUSÃO NÃO É DISCURSO SOCIAL

É estratégia de inovação e geração de riqueza. Dessa forma a UEA se torna, em 2034, um pilar definitivo do desenvolvimento do Amazonas, reconhecida como o maior formador de talentos da Região Norte, a principal ICT da Amazônia, a base intelectual das políticas estaduais, a ponte entre indústria e sociedade e a instituição que estabiliza o futuro da região diante das crises climáticas. Em vista disso, o horizonte de 2034 não é uma previsão, mas um pacto, um acordo de que a ciência, a tecnologia, a inovação e o desenvolvimento serão amazônicos. Portanto, a UEA será, ao mesmo tempo, o cérebro, o coração e a espinha dorsal desse futuro.



CAPÍTULO 22

INTEGRANDO O ECOSSISTEMA DE INOVAÇÃO

AMBIENTES – O ECOSISTEMA INTEGRADO DE INOVAÇÃO DA UEA

A UEA alcançou maturidade institucional quando deixou de enxergar a inovação como conjunto de iniciativas dispersas. Nesse sentido, o período entre 2022 e 2025 revelou que a força da universidade não estava nos programas individualmente, mas na forma como todos passaram a interagir: a inovação tornou-se sistema, não departamento, e, pela primeira vez, a UEA funcionou como organismo vivo, capaz de articular pesquisa, território, empreendedorismo, laboratórios, parcerias e políticas públicas em um mesmo fluxo. Logo, o ecossistema surge desse encontro entre estrutura, vocação e território. Ele integra a AGIN, que organiza a política de inovação; o PIÍSA, que orienta trilhas e metodologias; a INUEA, que transforma ideias em negócios; os laboratórios multicampi, que fornecem infraestrutura distribuída; e os portfólios tecnológicos, que traduzem competências em oportunidades reais. Essa integração não é apenas administrativa, também é intelectual, e permite que a UEA pense a inovação como linguagem comum.

1. A lógica amazônica que estrutura o ecossistema _____

Assim como a floresta se organiza em redes de interdependência, a UEA construiu seu ecossistema como teia. Ou seja, o que nasce em uma disciplina encontra continuidade em um laboratório; o que surge em um projeto de extensão ganha corpo

em programas como o PIISA; uma ideia desenvolvida em sala de aula pode se tornar startup na INUEA; e uma pesquisa aplicada pode se transformar em tecnologia licenciável por meio da AGIN. Assim, a universidade aprendeu que a inovação não é linha reta, mas se expande em ondas, atravessa territórios, circula entre unidades e se renova cada vez que encontra uma nova realidade. Portanto, essa organicidade permite que a UEA avance de maneira coerente, sem perder a conexão com o que o território demanda.

2. A integração como marca da maturidade institucional _____

O verdadeiro salto da UEA não foi criar programas, mas interligá-los, uma vez que a força do ecossistema reside na capacidade de circular conhecimento, estimular colaboração e reduzir silos institucionais. Desse modo, a inovação passa a fluir entre interior e capital, entre disciplinas, entre pesquisa e mercado, entre laboratório e comunidade. O resultado é um ambiente em que ciência, tecnologia, empreendedorismo, sustentabilidade e impacto social se reconhecem como parte da mesma missão universitária, se tornando, assim, instrumento de soberania científica e de desenvolvimento regional, e permitindo que a universidade esteja preparada para os desafios da próxima década, da bioeconomia à transição energética, da digitalização à inteligência artificial, sempre com foco na Amazônia e em sua capacidade de gerar soluções próprias. Desse modo, a UEA afirma sua identidade ao transformar complexidade em método.

CONCLUSÃO — O ORGANISMO QUE SUSTENTA O FUTURO

O ecossistema de inovação da UEA é mais que arranjo institucional, é a expressão madura de uma universidade que compreendeu seu papel no Amazonas. Cada programa funciona como parte de um mesmo corpo, cada talento se conecta a uma rede maior, cada laboratório alimenta sistemas de pesquisa, cada parceria se traduz em oportunidades para o território, e, no centro disso, permanece a convicção de que a Amazônia não precisa copiar modelos externos, uma vez que pode produzir sua própria inteligência, tecnologia e forma de inovar. Esse ecossistema é a estrutura que carrega a UEA até 2034 e além, sendo, portanto, a promessa de que futuro e floresta podem caminhar juntos, e de que a universidade está preparada para conduzir essa caminhada.



CAPÍTULO 23

AMBIENTES DE INOVAÇÃO NAS CIDADES E NO INTERIOR

A AMAZÔNIA COMO TERRITÓRIO VIVO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E DESENVOLVIMENTO

A Amazônia não é cenário: é método. E a UEA aprendeu que inovar nesse território exige compreender a floresta, as cidades, os rios e os povos não como espaços isolados, mas como uma mesma inteligência distribuída. Nesse sentido, ao longo da década, a universidade passou de multicampi a multiterritorial, criando ambientes de inovação que respiram o ritmo de cada lugar e traduzem suas necessidades em conhecimento, tecnologia e impacto. Isso é necessário porque o Amazonas não comporta modelos prontos, já que é vasto demais para ser enquadrado, diverso demais para ser uniformizado e vivo o suficiente para desafiar qualquer estrutura que não se adapte ao seu movimento. A UEA, ao reconhecer essa verdade, transformou todo o Estado em um laboratório vivo onde a educação se mistura com a pesquisa, onde o empreendedorismo encontra a comunidade, e onde a inovação se faz com o território, não apesar dele.

1. A Amazônia como conceito ampliado de inovação _____

No Sul e no Sudeste, ambientes de inovação costumam nascer em distritos tecnológicos, parques industriais e centros urbanos densos. Na Amazônia, porém, essa lógica se dissolve, visto que o ambiente de inovação emerge onde conhecimento e necessidade se encontram, seja na sala de aula de um município ribeirinho, seja na oficina de um laboratório avançado em Manaus, seja na praça onde ocorre uma feira científica, seja na comunidade que

testa tecnologias sociais para água, energia ou comunicação. Sob esse viés, a UEA redefine o que significa inovar: cada cidade torna-se ponto de irradiação; cada escola, um laboratório em potencial; cada comunidade, uma parceira intelectual; e cada curso universitário, uma semente de soluções. Trata-se, portanto, da ciência deslocando-se para onde a vida pulsa.

2. Os polos que formam o mosaico amazônico de inovação —

Em Manaus, o ecossistema concentra hubs de alta tecnologia, laboratórios especializados, o PIÍSA, a INUEA e programas que conectam a universidade à indústria, à saúde, à digitalização e à sustentabilidade. Mas a inovação não fica na capital: ela se expande pelo rio como quem respeita a geografia e entende que o território é rede, não periferia. Com isso, Parintins ganha protagonismo na bioeconomia e na economia criativa, onde pesquisa científica e cultura local dialogam com cadeias produtivas típicas da região. Itacoatiara, por sua vez, torna-se berço de startups e do empreendedorismo universitário, articulando jovens talentos com desafios do entorno. Já Tabatinga, na fronteira viva do país, transforma sua complexidade geopolítica em espaço para tecnologias sociais, comunicação, segurança e inovação comunitária. Além disso, Humaitá e Tefé emergem como centros de energias renováveis, agroflorestas e soluções sustentáveis para territórios isolados. Portanto, o resultado é uma rede que não centraliza, mas conecta.

3. A interiorização como política de inovação e justiça territorial ---

Interiorizar a UEA nunca foi apenas levar cursos, mas futuro, ao interior. Os ambientes de inovação mostram isso quando transformam escolas em espaços de investigação científica, quando aproximam agricultura familiar de tecnologias de manejo sustentável, quando tornam possível que jovens criem protótipos com apoio de laboratórios remotos e quando gestores municipais buscam a universidade para resolver problemas históricos. Dessa maneira, a inovação deixa de ser privilégio urbano e passa a ser direito territorial, e, ao circular entre cidades e comunidades, ela produz o efeito profundo de despertar um sentimento de pertencimento científico, de autonomia criativa e de capacidade real de mudar a própria realidade.

4. O território como professor e laboratório ---

A floresta, os rios e as comunidades ensinam, e a UEA organiza esse conhecimento vivo em programas que integram ciência moderna a saberes tradicionais, criando tecnologias apropriadas, sustentáveis e culturalmente coerentes. Na Amazônia, inovar significa respeitar o tempo da natureza, compreender a logística dos rios, aprender com quem manejou a floresta por séculos, e reconhecer que a modernidade não é inimiga da ancestralidade, pois pode ser sua aliada quando mediada por quem conhece o território. Assim, cada município revela uma possibilidade, cada comunidade uma pergunta e cada ecossistema uma hipótese científica, de forma que a UEA, ao

transformar essa diversidade em método, produz uma ciência profundamente amazônica e assegura um diálogo permanente e fecundo entre ancestralidade, território e inovação.

CONCLUSÃO — A AMAZÔNIA INTEIRA COMO AMBIENTE DE INOVAÇÃO

Os ambientes de inovação da UEA mostram que a universidade não está apenas ensinando, pesquisando ou empreendendo, mas também está reorganizando a relação do território com o conhecimento e criando uma Amazônia em que a ciência nasce perto da vida real, em que a tecnologia atende ao cotidiano ribeirinho e urbano, em que a criatividade se mistura com as necessidades profundas do Estado. A UEA cria, assim, um mosaico vivo de inovação, um sistema distribuído, adaptativo e culturalmente enraizado, capaz de transformar o Amazonas em referência global de inovação territorial. Portanto, na Amazônia, inovar não significa plantar ilhas de modernidade, mas semear redes e permitir que o futuro cresça onde antes crescia apenas a esperança.



CAPÍTULO 24

O HACKATON CORPORATIVO

QUANDO A INOVAÇÃO ENCONTRA PROBLEMAS REAIS

Inovar na Amazônia sempre exigiu a aproximação de mundos que, por muito tempo, caminharam em trilhas paralelas: a indústria que busca soluções, a universidade que produz conhecimento e os jovens que desejam transformar o território com a força de suas ideias. O Hackaton Corporativo nasce exatamente dessa convergência, inaugurando mais que um evento, um método, uma vez que transforma inovação em experiência viva, colaborativa e aplicada, capaz de gerar respostas rápidas para desafios reais, complexos e profundamente enraizados na vida amazônica. Logo, é nesse ambiente que a UEA descobre um caminho decisivo para redefinir sua presença diante do setor produtivo e do próprio Estado.

Aqui, a criatividade amazônica ganha forma, propósito e direção, pois a Amazônia convive com problemas que não cabem em soluções prontas. As distâncias imensas, a logística sensível, as pressões ambientais, as demandas industriais e a fragmentação dos serviços públicos exigem inteligência distribuída e criatividade veloz. Dessa forma, o hackaton se torna um laboratório acelerado de futuro, um lugar onde talentos da universidade aprendem a traduzir urgências territoriais em propostas funcionais, algumas simples, outras sofisticadas, todas profundamente conectadas à realidade.

Mas o hackaton não começa quando as equipes se reúnem, nem termina quando os prêmios são entregues. Ele é um processo contínuo, que se inicia com o mapeamento dos desafios, quando a UEA escuta empresas, governos e comunidades para identificar

problemas reais; a partir daí, ocorre a convocação de estudantes, professores, pesquisadores, startups e equipes multidisciplinares para mergulhar em jornadas intensas de criação. Durante 48 a 72 horas, nasce um ecossistema temporário de imaginação aplicada: prototipagem rápida, consultas técnicas, análise de dados, modelagem de soluções, mentorias e uso intensivo dos laboratórios da UEA.

As propostas que emergem desse ciclo não se dissolvem, visto que as melhores seguem para testes, ajustes e mentorias, transformando o hackaton em Pipeline real de inovação. Dessa forma, algumas ideias amadurecem e se convertem em projetos incubados na INUEA, ganhando forma de produtos, tecnologias, serviços ou negócios que dialogam diretamente com o setor público e privado. É um ciclo vivo, aberto, sempre em movimento, ou seja, uma engrenagem que conecta ciência, talentos e demandas do território.

Enquanto o Polo Industrial de Manaus encontra no hackaton um ambiente ágil para testar ideias, reduzir custos de inovação, qualificar soluções e identificar talentos locais que compreendem a complexidade amazônica, a UEA descobre no setor produtivo um aliado natural do desenvolvimento científico e tecnológico regional. O hackaton, por sua vez, aproxima esses dois universos com naturalidade e profundidade: as empresas apresentam problemas reais, as equipes acadêmicas propõem soluções funcionais e a universidade articula pesquisa, formação e empreendedorismo em tempo real. A inovação, portanto, é aplicada no ritmo da Amazônia.

Há também a dimensão social, tão essencial quanto a corporativa. Nesse sentido, o hackaton se expande para desafios

de educação, saúde ribeirinha, saneamento, comunicação em áreas isoladas, agricultura familiar, energia limpa e segurança alimentar, criando um formato no qual prefeitos, lideranças comunitárias, educadores, jovens e associações participam ativamente da criação das soluções. Assim, a inovação deixa de ser conceito abstrato e se torna ferramenta direta de transformação territorial.

O impacto não é apenas tecnológico, pois o hackaton reconfigura a lógica da formação universitária, visto que estimula aprendizagem pela prática, integra cursos, aproxima teoria e vida, desperta vocações, fortalece colaboração e cria pertencimento. Com isso, estudantes descobrem suas competências no mergulho colaborativo, professores renovam modos de ensinar e pesquisadores encontram temas emergentes. E a UEA, nesse processo, cultiva algo raro: uma cultura de responsabilidade compartilhada sobre os problemas do território.

CONCLUSÃO DO CAPÍTULO – O PROPÓSITO

O Hackaton se projeta como política estratégica da UEA rumo a 2034, espalhando-se pelos polos do interior, conectando-se ao PIÍSA, dialogando com a Escola de Negócios Amazônica, alimentando a INUEA e se integrando à agenda industrial e comunitária do Estado. O Hackaton torna-se, portanto, instrumento de desenvolvimento tecnológico, ferramenta de inovação aberta, mecanismo de aceleração de startups, ambiente de formação cidadã e ponte natural entre talentos e desafios amazônicos. Afinal, no coração do hackaton está a verdade central que define

este capítulo e, talvez, toda a Parte III: a UEA é tão inovadora quanto sua capacidade de transformar problemas reais em soluções amazônicas.

O Hackaton Corporativo, por fim, não é apenas uma atividade institucional, mas o pulso acelerado da inovação amazônica em movimento, o qual mostra-se rápido, cooperativo, territorial, criativo e socialmente responsável. Desse modo, ele comprova que a UEA não observa a Amazônia de longe, mas trabalha por ela, com ela e a partir dela. E a cada nova edição, renova o pacto entre universidade, território e futuro.



CAPÍTULO 25

IMERSÃO TECNOLÓGICA E ACELERAÇÃO DE TALENTOS

ABERTURA DE HORIZONTES

A inovação vive de ar fresco, e o Desafio AGIN tornou-se exatamente isso: uma corrente de vento que empurra estudantes e professores para fora de suas rotinas e os lança no ambiente onde a tecnologia pulsa em velocidade máxima. Nesse sentido, a UEA compreendeu que não bastava formar talentos; era preciso expô-los ao país, ampliar seu repertório, oferecer novas referências e, sobretudo, mostrar que a Amazônia também pode ensinar quando se permite aprender. Logo, o programa nasce para romper fronteiras geográficas, cognitivas e emocionais, e quando uma dupla de aluno e professor atravessa o país para viver, durante alguns dias, a intensidade do Parque de Inovação Tecnológica de São José dos Campos, algo decisivo acontece: a imaginação deixa de ser abstrata e se torna desejo, método e projeto.

1. Por que a Amazônia precisava de um programa assim? _____

O maior desafio amazônico nunca foi a falta de talento; sempre foi a falta de acesso. Por isso, distâncias continentais, custos de deslocamento, desigualdades históricas e a escassez de ambientes de alta tecnologia afastaram gerações de estudantes de experiências transformadoras. O Desafio AGIN, contudo, corrige essa assimetria ao ampliar horizontes, fortalecer autoestima acadêmica, conectar o Amazonas à vanguarda tecnológica do país e devolver a Manaus e ao interior jovens que enxergam mais longe do que quando partiram. É, portanto, um programa que devolve perspectiva.

2. Como funciona o movimento da imersão _____

O Desafio AGIN é menos uma viagem e mais uma travessia intelectual. Primeiro, a UEA lança um edital que seleciona duplas, formadas por alunos pesquisadores e seus orientadores, com projetos sólidos, afinados com o ecossistema de inovação. A seleção valoriza mérito, impacto territorial e capacidade de replicação da experiência. Depois, vem a imersão: cinco dias intensos no PIT, circulando entre o INPE, o ITA, a Embraer, hubs de startups, rodadas de mentoria e desafios de ideação. Nessa fase, a dupla vê como o país pensa tecnologia quando opera com recursos, densidade científica e velocidade estratégica e, quando volta ao Amazonas, carrega consigo o mais valioso resultado possível: outra forma de imaginar o que é possível fazer na Amazônia. Por fim, a experiência se converte em oficinas, projetos, mentorias internas e, em muitos casos, ideias que entram diretamente na trilha do PIISA ou da INUEA.

3. A imersão como método de formação acelerada _____

Há cursos que formam ao longo de anos, e há experiências que amadurecem em dias. O Desafio AGIN produz esse efeito de aceleração porque expõe alunos e professores a ambientes em que a inovação é rotina, a pesquisa aplicada é regra, a interdisciplinaridade não é discurso, as tecnologias emergentes estão em uso real e a cultura de projeto substitui a cultura de improviso. Essa convivência provoca deslocamento intelectual, uma vez que estudante perceba que o que parecia distante está ao alcance daquilo que ele mesmo pode construir, e o professor volte com novos referenciais, redes e caminhos inéditos para orientar

pesquisas e projetos de extensão. Logo, é aprendido por atmosfera, e não apenas por conteúdo.

4. Conexões que ampliam o mapa da inovação amazônica —

A imersão não termina no aeroporto de Manaus. Pelo contrário, ela inaugura um ciclo de relações, projetos e cooperações que continuam se desdobrando dentro da UEA. Nesse sentido, a experiência estimula novas parcerias com centros de excelência nacional, iniciativas de pesquisa conjunta, abertura de portas no setor produtivo, validação de protótipos, nascimento de startups e intercâmbios com outros programas nacionais de inovação. Portanto, a Amazônia entra na conversa nacional não como pedinte de tecnologia, mas como produtora de soluções com identidade própria.

5. O impacto formativo no território —

O valor do Desafio AGIN não está apenas na imersão, mas no retorno. Desse modo, cada dupla que volta ao Amazonas carrega o compromisso silencioso de traduzir a experiência para escolas, centros, municípios e projetos da UEA. O impacto se multiplica quando as oficinas de replicação acontecem no interior, quando os laboratórios multicampi recebem novas abordagens, quando os professores começam a orientar TCCs inspirados na imersão, quando os alunos criam protótipos com ambição mais clara e quando comunidades são envolvidas em práticas inovadoras. Nesse sentido, a viagem transformará a universidade e, por consequência, transformará o território.

6. O que o Desafio AGIN simboliza para a visão 2034 da UEA

A UEA sonha em tornar-se plataforma amazônica de inovação, referência nacional, interlocutora global. Para isso, precisa de gente, mas não de gente comum. Precisa de talentos que já tenham visto o mundo, tocado a tecnologia de perto, testado suas ideias em ambientes competitivos e percebido que a Amazônia não é limite, é origem.

CONCLUSÃO DO CAPÍTULO: RITO DE PASSAGEM

O Desafio AGIN é o rito de passagem da nova geração de inovadores amazônicos. Ele prepara líderes para empreender com a inteligência territorial, fazer pesquisas com rigor, dialogar com a indústria, cooperar com sistemas nacionais e transformar a vida de comunidades. O desafio é um programa que devolve ao Amazonas aquilo que ele sempre teve, mas que agora floresce com nitidez a certeza de que talento amazônico não deve pedir licença ao futuro, mas sim deve moldá-lo.



CAPÍTULO 26

PREMISSAS DA EDUCAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA

1. A Ciência e a Tecnologia Como Linguagem, Acesso e Pertencimento na Amazônia

A inovação só cria raízes quando a curiosidade encontra solo fértil. E, na Amazônia, esse solo precisa ser preparado desde cedo, não apenas com conteúdos, mas com encantamento, pertencimento e a descoberta de que ciência é direito, não privilégio.

A UEA reconheceu que nenhuma política de inovação sobreviveria sem uma cultura científica popular e territorial, que fosse capaz de alcançar escolas urbanas e ribeirinhas, jovens da periferia, comunidades indígenas e crianças que, até pouco tempo, jamais haviam visto um sensor, um robô ou um microscópio. A educação científica torna-se, assim, a infraestrutura emocional e intelectual da inovação amazônica.

2. A Ciência e a Tecnologia Como Porta de Entrada Para o Futuro

A Amazônia convive com uma contradição, uma vez que possui uma das maiores biodiversidades do planeta e, ao mesmo tempo, uma população historicamente afastada da ciência moderna.

A UEA rompe essa distância ao transformar ciência em linguagem cotidiana, como se acendesse uma tocha dentro de cada estudante. O objetivo da universidade não é ensinar fórmulas, mas sim abrir horizontes para os universitários.

Portanto, é possível notar que, quando jovens percebem que compreender o território é também compreender a si mesmos, nasce a consciência científica, que é outro nome para autonomia.

3. Os Programas Que Tornam a Ciência Acessível _____

A UEA estruturou uma política de educação científica e tecnológica baseada em feiras, oficinas e mostras, que transformam municípios em arenas de curiosidade, reunindo estudantes, docentes e pesquisadores em torno de projetos e protótipos que ganham vida diante do público. Nesse sentido, a UEA possui projetos como a OCEAN 4.0, que desembarcou no STEM CRIAR, com o objetivo de levar a robótica, a experimentação, a programação e os laboratórios móveis para escolas públicas, despertando talentos e formando professores multiplicadores.

Além disso, existe também o projeto Cientistas na Comunidade, iniciativa em que a UEA navega rios e atravessa estradas para apresentar experimentos, conversar sobre biodiversidade e demonstrar tecnologias simples nas próprias comunidades que inspiram a pesquisa.

Assim, essas ações tiram a ciência do lugar de espetáculo distante e a devolvem às pessoas como algo comum no cotidiano.

4. A Formação Docente Como Pilar Estruturante _____

Nada da educação científica e tecnológica se sustenta se o professor não for protagonista. Por isso, a UEA investe em capacitação permanente, como metodologias atualizadas, ferramentas replicáveis, laboratórios pedagógicos, redes colaborativas e apoio institucional.

O professor amazônida deixa de ser apenas transmissor de conteúdo e passa a atuar como curador de curiosidades,

como alguém que abre caminhos para vocações que antes permaneciam invisíveis.

5. Inclusão Científica e Tecnológica Como Justiça Territorial

A democratização da ciência é também combate às desigualdades. Por certo, a política científica da UEA prioriza escolas ribeirinhas, comunidades indígenas, zonas periféricas urbanas e municípios de difícil acesso, criando assim oportunidades onde antes só existiam carências estruturais. Quando um microscópio chega a uma comunidade que antes recebia apenas o barco da merenda, algo muda de forma profunda, surge o sentimento de que o futuro também pertence àquele lugar e que o conhecimento não é privilégio geográfico.

6. A Ciência Como Ecossistema Integrado _____

A partir de 2025, a UEA transforma a educação científica e tecnológica em eixo permanente do ecossistema de inovação. O OCEAN 4.0, inaugurado em 2014, foi responsável por avanços substanciais, incluindo o O STEM CRIAR que, por sua vez, passa a alimentar o PIÍSA, as feiras aproximam alunos da INUEA, os projetos escolares ganham vida em laboratórios multicampi e as pesquisas acadêmicas se conectam aos problemas territoriais. Logo, a ciência deixa de ser disciplina isolada e passa a ocupar lugar de tecido conectivo que liga ensino, pesquisa, extensão e inovação.

7. A Amazônia Como Professora

A floresta torna-se metodologia. Como resultado, os rios ensinam dinâmica e energia; a biodiversidade ensina biotecnologia; as comunidades ensinam tecnologias sociais; a cultura ensina modos de pensar, criar e viver. Então, a UEA transforma o território em laboratório vivo, e cada estudante, independentemente da idade, em pesquisador inicial.

8. O Horizonte 2034: Uma População Cientificamente Ativa

Até 2034, a UEA projeta: um universo de 50 mil estudantes impactados diretamente; feiras e mostras tecnológicas permanentes em polos regionais; STEM CRIAR estruturado como política estadual; professores capacitados em todos os polos multicampi; museus vivos e itinerantes consolidados e cultura científica incorporada ao cotidiano escolar e comunitário. Em síntese, quando a população passa a pensar cientificamente, ela decide melhor sobre educação, território, clima, economia e futuro.

CONCLUSÃO - A EMERGÊNCIA DO TALENTO

A educação científica e tecnológica é a porta de entrada para todas as transformações descritas neste livro, pois funda o talento, estimula a imaginação, cria autonomia intelectual e estabelece a base sobre a qual a inovação amazônica se ergue. Desse modo, quando a ciência entra na vida de uma criança amazônica, entra também a possibilidade de um futuro que ela própria pode.



CAPÍTULO 27

INUEA: INCUBADORA DA AMAZÔNIA

IDEIAS QUE VIRAM MOVIMENTO, TERRITÓRIOS QUE VIRAM MERCADO — VERSÃO NARRATIVA FINAL

A inovação nasce do encontro entre uma pergunta e uma coragem. Em vista disso, a INUEA, incubadora da UEA, existe para garantir que esse encontro não se perca no tempo errado nem no lugar errado. Ela não é apenas um espaço de startups; é um território de acolhimento, maturação e travessia, onde estudantes, pesquisadores e empreendedores descobrem que suas ideias têm forma, futuro e impacto possível. E na Amazônia, portanto, esse impacto ganha outra escala ao mover economias locais, fortalecer comunidades e ampliar as possibilidades do território.

1. Incubar, aqui, não é apenas executar processos. É criar ambiente.

A INUEA compreendeu que apoiar empreendedores amazônidas exige uma metodologia mais sensível, mais conectada à vida real e mais atenta ao ritmo do território. Sob esse viés, maturar um projeto significa ajudar o estudante a transformar curiosidade em modelo, orientar o pesquisador a converter ciência em solução, dar ao empreendedor iniciante o mapa do caminho que nunca recebeu e oferecer segurança jurídica, metodologias, conexões e confiança. Por causa disso, a incubadora é, para muitos, o primeiro lugar onde uma ideia é tratada com a seriedade de um futuro possível, pois, diferente dos modelos tradicionais, a INUEA não se limita a um edifício central, mas se distribui como a própria Amazônia se distribui.

Dessa forma, uma ideia nascida em Parintins recebe o mesmo suporte que uma ideia concebida na capital; um protótipo criado em Itacoatiara percorre laboratórios multicampi para testes; comunidades do interior participam de oficinas, pitches e mentorias sem precisar sair de seus territórios. Percebe-se, então, que a incubadora não espera que as pessoas venham até ela, mas vai até onde as pessoas estão. E isso muda tudo. Ela se utiliza de uma lógica inversa, alinhada ao território amazônico: em vez de centralizar, expande; em vez de exigir deslocamentos, reconhece o valor de quem permanece onde vive e cria.

Entre 2023 e 2025, a INUEA alcançou a maturidade metodológica reconhecida pelo modelo CERNE 1, da Anprotec. Esse, porém, avanço não foi apenas burocrático, pois simboliza a construção de processos claros, governança estruturada, indicadores de desempenho, rotinas de avaliação e alinhamento pleno com a AGIN e a Reitoria. Com isso, a incubadora passa a operar como instrumento profissional de inovação, deixando para trás o status de projeto e assumindo a musculatura institucional necessária para sustentar o desenvolvimento.

Além disso, as startups incubadas pela UEA refletem a diversidade amazônica, emergindo de problemas reais e se transformando em soluções que atravessam energia, educação, saúde, logística, bioeconomia, tecnologia assistiva, segurança digital, cultura e comunicação. Mais do que empresas, são narrativas tecnológicas do território, expressões concretas da inteligência amazônica. Aqui, empreender não significa apenas abrir negócios, mas também criar caminhos, traduzir necessidades e restaurar dignidades.

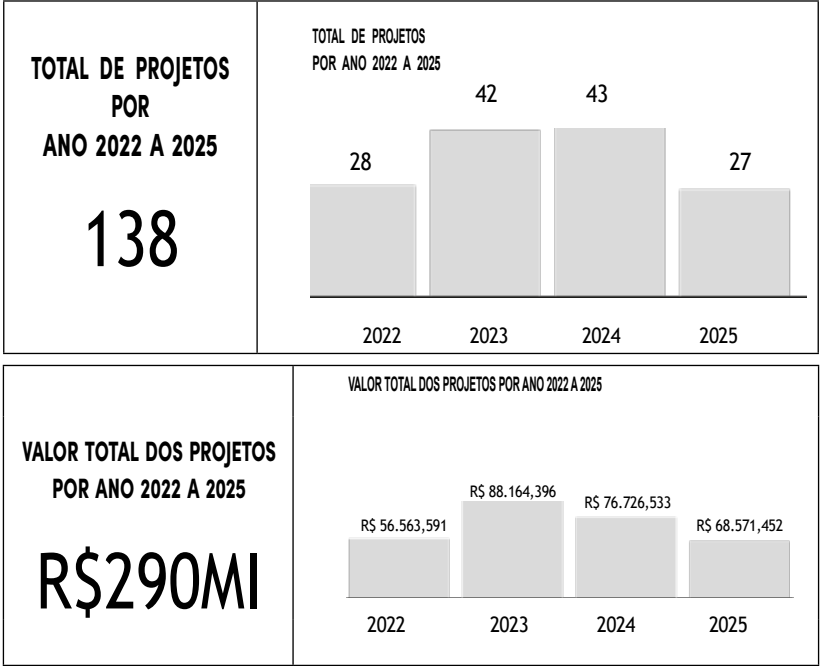
A INUEA articula esses projetos, conectando-os a pesquisadores, laboratórios, investidores, programas de inovação, empresas do Polo Industrial de Manaus, políticas públicas estaduais e federais, ecossistemas nacionais e redes internacionais. Para isso, ela cria pontes que antes não existiam, aproxima mundos antes distantes e estabelece o ambiente para que talentos amazônicos ingressem em editais, acelerações, mentorias e parcerias que dão corpo ao empreendedorismo científico. Desse modo, a incubadora funciona como bússola e como porta, pois ajuda a encontrar direção e abre espaço para o próximo passo, embora a sua força maior esteja na dimensão humana.

A INUEA sustenta trajetórias: professores que orientam, estudantes que descobrem vocações, equipes que aprendem a errar, ajustar e recomeçar. Com isso, a inovação deixa de ser conceito abstrato e se torna processo vivido, com esforço, paciência, comunidade e encantamento, onde cada ideia é tratada como promessa, e cada promessa como possibilidade real de transformação. Dessa forma, a UEA projeta para 2034 uma INUEA ainda mais madura: certificada no CERNE 2, presente em todos os polos multicampi, integrada a portfólios tecnológicos, conectada ao PIÍSA, ancorada em programas de aceleração próprios e capaz de levar startups amazônicas ao mercado nacional e internacional.

O futuro aponta para uma incubadora plenamente interiorizada, onde empreender é parte da formação universitária e onde a inovação amazônica se torna marca identitária. Nesse sentido, a incubadora da UEA demonstra que inovar na Amazônia é mais que criar produtos, é criar pertencimento e assegurar que

cada jovem, cada pesquisador e cada comunidade possa ver sua realidade transformada por sua própria capacidade de imaginar soluções. A INUEA é, portanto, a universidade dizendo ao território, com a serenidade de quem compreende sua missão: **“Sua criatividade tem valor. Sua história tem futuro. Sua ideia tem lugar no mundo”**.

Figura 1 – Total de projetos fomentados pela Lei de Informática



Fonte: Gestão da Inovação da UEA, 2025

V

EPÍLOGO E SÍNTESE



CAPÍTULO 28

EPÍLOGO

A AMAZÔNIA INVENTA O AMANHÃ: A UEA COMO RIO DE FUTURO

A Amazônia ensina que nada nasce sozinho. Nela, as árvores dependem do rio, o rio depende da chuva, a chuva depende da floresta e a floresta depende de uma infinidade de pequenas vidas que ninguém vê, mas que mantêm tudo de pé. Da mesma forma, assim é a inovação: um grande movimento sustentado por forças silenciosas.

Este livro narra a história de uma universidade que aprendeu a inovar como a própria Amazônia, por redes, raízes, conexões invisíveis e sementes que germinam em silêncio até se tornarem inevitáveis. Sob esse viés, a UEA não construiu apenas programas ou laboratórios, mas construiu ciclos, como os das águas; teias, como as da floresta; e correntes, como as dos rios que não param.

Ao longo destas páginas, vimos a universidade transformar curiosidade em método, território em conhecimento, juventude em futuro. Assim como os rios que descem de longe carregando histórias, a UEA passou a carregar esperanças que antes não tinham nome, mas agora têm: OCEAN 4.0, STEM, INUEA, PIÍSA, AGIN, laboratórios multicampi, portfólios, competências, sementes de startups, redes vivas de pesquisa. Se a Amazônia sempre inventou a vida, a UEA decidiu inventar o amanhã.

1. A universidade como rio que atravessa e conecta _____

O maior gesto civilizatório da UEA foi compreender que inovar é fluir, sabendo que não há tecnologia sem encontro, nem ciência sem travessia. Como um rio, a universidade aprendeu a chegar onde o Estado não alcançava, a carregar conhecimento por entre ilhas, escolas, comunidades, centros e cidades, a ligar margens distantes, a dissolver fronteiras que o Brasil naturalizou. E, semelhantemente ao rio, ela nunca corre só, visto que o estudante que aprende robótica numa escola ribeirinha corre junto ao professor que se reinventa para ensinar ciência, como também fazem o pesquisador que transforma dados em solução e o empreendedor que leva a Amazônia no nome de sua empresa, como afluentes que movem um mesmo corpo. Desse modo, nada flui sozinho ou floresce isolado; tudo depende do curso que se escolhe.

2. A inovação como semente e como floresta _____

A UEA aprendeu que inovação não se planta como quem planta produto, mas se planta como se plantam árvores: com paciência, resiliência, raízes, tempo e cuidado. Nesse sentido, o OCEAN 4.0 é uma semente, bem como o STEM CRIAR, o PIÍSA e a INUEA. Também o são os portfólios, os laboratórios multicampi e cada parceria, cada startup e cada pesquisa aplicada. Juntas, essas sementes formam uma floresta de ideias, talentos, inteligências e futuros possíveis. E assim como a floresta amazônica, esse ecossistema não cresce por imitação, mas por identidade genuína. Ele não replica modelos externos, mas cria seu próprio ciclo, sua

própria forma de existir, sua própria verdade. Portanto, a UEA floresce porque deixa a Amazônia ensinar-lhe como crescer.

3. O céu que a UEA abre para a juventude amazônica —

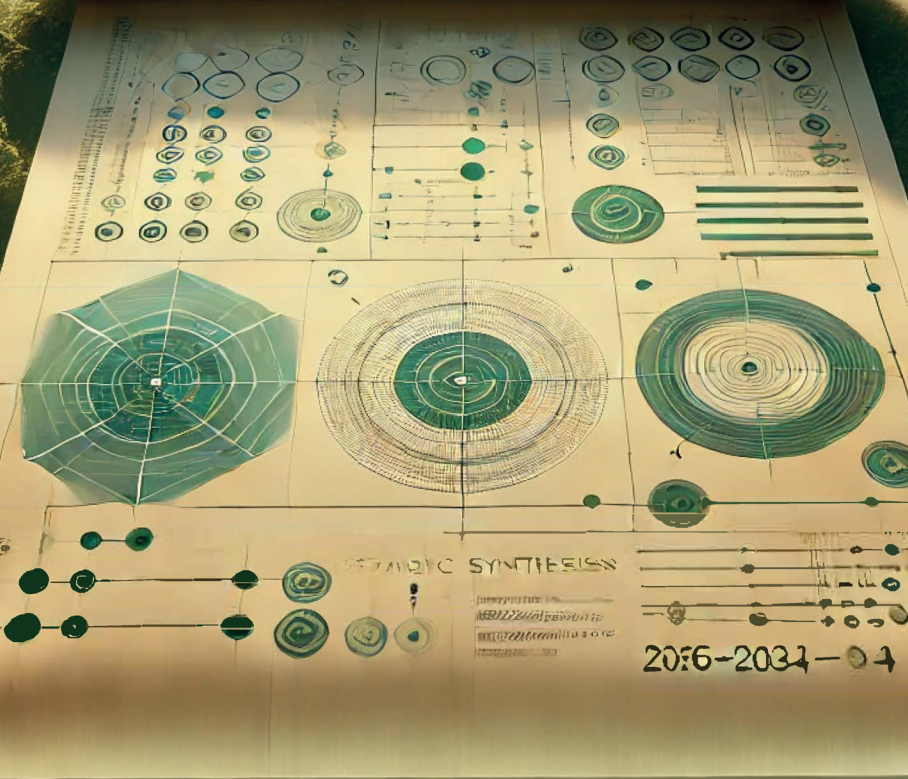
Para muitos jovens do interior, o futuro sempre foi um céu distante, inalcançável, visto de baixo. Mas a inovação que a UEA promove muda a perspectiva: o céu deixa de ser teto e passa a ser caminho. Com isso, a universidade não apenas oferece ferramentas, mas altura, para que crianças possam imaginar, para que adolescentes possam criar, para que pesquisadores possam ambicionar, para que empreendedores possam voar. O futuro amazônico, portanto, não será importado, mas será cultivado. Já que o céu que se abre é amazônico, ele agora tem rota.

4. A UEA como ciclo das águas: permanente, necessário, inevitável —

A cada nova década, a Amazônia nos lembra que a vida continua porque os ciclos continuam. Semelhantemente, a inovação da UEA tornou-se também ciclo, não evento, não moda, não política de gestão. Ela sobe como evaporação, nas ideias, nos sonhos, nas pesquisas; se condensa em políticas, estruturas, programas; retorna como chuva, em soluções, empresas, tecnologias, talentos formados; e volta ao território, alimentando a mesma fonte que a criou. Assim a inovação se torna amazônica: viva, cíclica, orgânica, necessária.

CONCLUSÃO: ESTE LIVRO NÃO FECHA UM TRABALHO

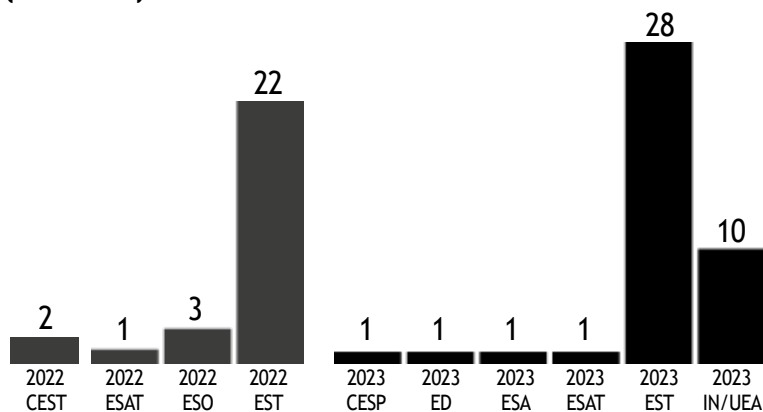
Ele anuncia um movimento. uma vez que a UEA não descreve seu futuro, mas o provoca; não espera políticas, mas as inspira; não responde ao território, mas dialoga com ele; não segue agendas, mas as compõe; não observa o mundo, mas conversa com ele. Desse modo, assim como os rios que insistem em correr mesmo quando o país insiste em não vê-los, a universidade seguirá movendo inteligência, esperança e futuro pela Amazônia adentro. Portanto, a UEA já inventa o amanhã, e, com isso, transforma o hoje.



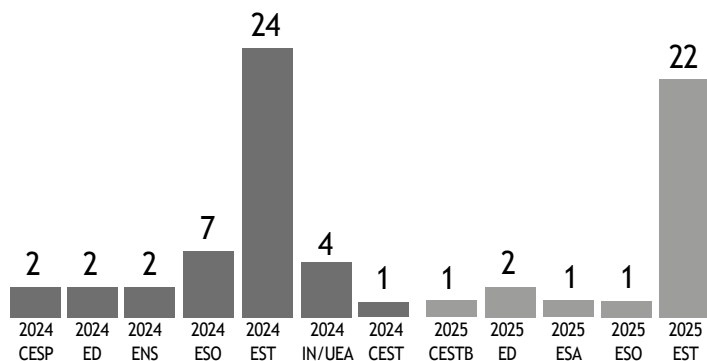
CAPÍTULO 29

SÍNTESE ESTRATÉGICA 2026–2034

**PROJETO POR
UNIDADE / ANO
(2022 A 2023)**



**PROJETO POR
UNIDADE / ANO
(2024 A 2025)**



Gestão de Inovação UEA: Agência de Inovação e Propriedade Intelectual, 2025

A UEA COMO ARQUITETURA DE INOVAÇÃO DA AMAZÔNIA

A Amazônia não tem tempo a perder, nem tampouco a UEA tem o direito de ser modesta. Entre 2026 e 2034, a universidade consolidará uma das mais importantes plataformas de inovação do país, uma estrutura capaz de transformar ciência em solução, juventude em protagonismo, território em oportunidade e política pública em desenvolvimento sustentável. Nesse sentido, esta síntese estratégica reúne o que deve orientar a próxima década: direção, velocidade e sentido. Mais que metas, ela descreve um modo de caminhar.

1. A UEA Como Centro Integrador da Inovação Amazônica —

Os próximos oito anos exigem que a UEA se reconheça como centro de gravidade do ecossistema de inovação regional, visto que a universidade não é apenas instituição formadora: é articuladora, ponte, radar e bússola. Sob esse viés, sua missão estratégica será consolidar a inovação como política pública permanente como algo que transcenda gestões, orçamentos e conjunturas. Isso implica fortalecer a AGIN como órgão de Estado dentro da UEA, garantindo segurança jurídica, governança contínua e integração plena com Reitoria, Pró-Reitorias, Escolas Superiores e Centros do Interior. Logo, a inovação passa a ser eixo transversal de todas as áreas, percorrendo a universidade como rio que percorre margens distintas, mas mantém o fluxo único, e a partir dessa centralidade, a UEA se posiciona como referência amazônica em ciência aplicada, empreendedorismo e desenvolvimento sustentável.

2. Consolidação dos Ecossistemas Científicos e Tecnológicos —

Entre 2026 e 2034, a universidade deve completar a transição iniciada nos últimos anos e sair de um modelo de iniciativas dispersas para operar como ecossistema coeso. Isso significa aprofundar a integração entre a AGIN como guarda institucional, a INUEA como incubadora estratégica, o PIÍSA como ciclo metodológico, os laboratórios multicampi como infraestrutura distribuída, o OCEAN 4.0 como espinha dorsal da formação tecnológica moderna, o STEM CRIAR como base da cultura científica juvenil, os portfólios como ferramentas de tradução e visibilidade e as políticas de PD&I como instrumentos de articulação produtiva.

Essa estrutura se comporta como floresta diversa, interdependente e resiliente, de forma que um programa retroalimenta outro, um laboratório fortalece o próximo. Nesse contexto, um estudante que entra pelo OCEAN 4.0 ou STEM CRIAR pode atravessar a incubadora, alcançar pesquisa de ponta e, um dia, licenciar uma tecnologia amazônica, representando, assim, a Amazônia inteira operando em rede. Portanto, a universidade se prepara para ser reconhecida nacionalmente como ICT de impacto estratégico, com foco em soluções para saúde, energia, educação, clima, floresta, tecnologia assistiva, logística e economia limpa.

3. A Próxima Década Como Projeto Civilizatório —

A estratégia para 2026–2034 não se limita à inovação técnica, mas descreve um projeto civilizatório para a Amazônia. Por isso, a UEA deve assumir papel mais amplo, orientando políticas públicas,

influenciando decisões econômicas, participando de conselhos nacionais, aproximando ciência das comunidades e inserindo a juventude amazônica no debate global. Isso inclui intensificar a interação com o Polo Industrial de Manaus, aproximar startups da indústria, desenvolver tecnologias de impacto socioambiental, ampliar pesquisas em bioeconomia, IA, energia renovável, água, biodiversidade e tecnologias ribeirinhas. Desse modo, a ciência da UEA deve traduzir a Amazônia para o mundo e o mundo para a Amazônia, de modo que a universidade se torne, assim, guardiã do futuro, mantendo raízes no território e impulsionando voo intelectual para além dele.

A estratégia não busca apenas responder aos desafios, mas antecipá-los, formando gerações capazes de imaginar soluções antes que os problemas se tornem crises. Assim como os ciclos das águas, essa década pede continuidade, pois aquilo que evapora no pensamento se condensa em política, chove em projetos, escorre em laboratórios e se transforma em rios de impacto que percorrem todo o Estado. Portanto, nada disso é utopia, mas planejamento com alma.

4. Síntese Estratégica e o Credenciamento _____

A UEA entra em 2026 com a clareza de que inovação não é luxo, nem modismo, mas condição de permanência da Amazônia no século XXI, e entrará em 2034 com a ambição justa de ser o maior sistema público de inovação a serviço do maior território estratégico do país. Com isso, a universidade, enfim, compreende seu destino de ser a inteligência que protege a floresta, sustenta

o desenvolvimento, forma o futuro e inspira o Brasil a olhar a Amazônia de outro modo — não como promessa, mas como potência. Portanto, entre rios, sementes, teias e céus, a UEA fará da inovação seu caminho natural.

5. E no acender das luzes de 2026 _____

A Universidade do Estado do Amazonas (UEA), por meio da sua Escola Superior de Tecnologia, alcançou um marco estratégico para a ciência, tecnologia e inovação na região Norte. A instituição recebeu Resolução de Credenciamento junto ao Comitê da Área de Tecnologia da Informação (CATI), vinculado ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), tornando-se oficialmente apta a exercer atividades de pesquisa, desenvolvimento e inovação (PD&I) em tecnologias da informação e comunicação (TICs).

O deferimento foi formalizado por meio do Ofício nº 1276/2026/MCTI, de 12 de fevereiro de 2026, que comunica a aprovação do pleito da UEA para os fins previstos no §1º do art. 11 da Lei nº 8.248/1991 – a Lei de Informática. A Resolução CATI nº 13, de 10 de fevereiro de 2026, foi publicada no Diário Oficial da União em 12 de fevereiro de 2026, conferindo reconhecimento nacional ao novo status institucional da universidade.

CONCLUSÃO E PREVISÕES - CIENTISTAS, EMPREENDEDORES E VISIONÁRIOS DA INOVAÇÃO TECNOLÓGICA

Manaus nasceu do encontro entre rios imensos e povos visionários. Hoje, volta a esse papel ancestral de ponto de encontro, não mais de navegantes e mercadores, mas de cientistas, empreendedores e sonhadores da inovação tecnológica. Tendo isso em vista, a realização da Anprotec 2026 na capital amazonense é uma declaração simbólica e política de que o futuro da inovação passa pela floresta e a partir dela será transformado.

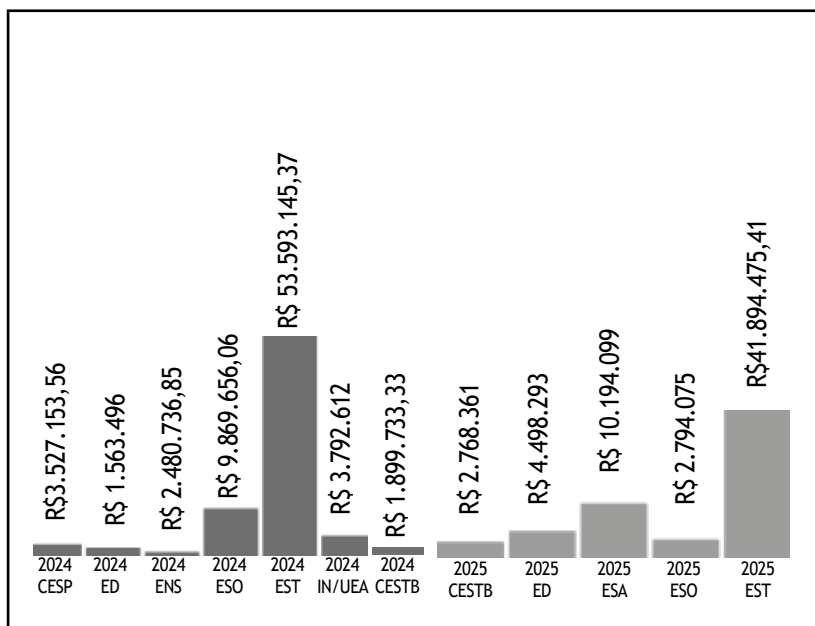
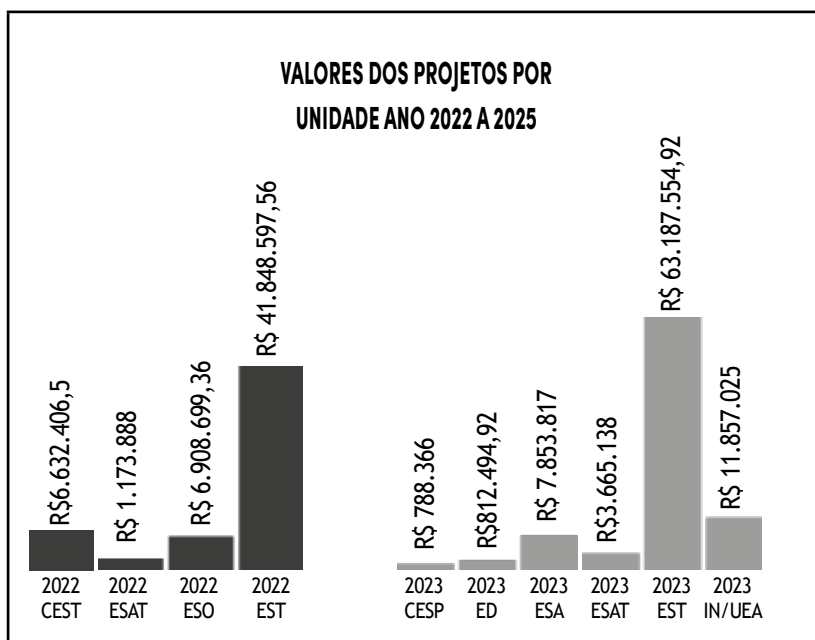
A floresta, que sempre sustentou o planeta, agora sustenta também o pensamento. E a UEA, junto da FPFtech, convida o Brasil a participar desse salto de consciência: a Amazônia não é o fim do mapa, é o começo de uma nova era.

Há momentos na história em que uma cidade deixa de ser apenas geografia e se torna destino. Em 2026, Manaus abriga o ponto de convergência da inteligência brasileira, ao sediar a 36ª Conferência Anprotec, um feito que consagra o vigor criativo da Amazônia e sua capacidade de pensar o mundo a partir da floresta.



CAPÍTULO 30

O PACTO AMAZÔNICO DA UEA



Fonte: Gestão da Inovação da UEA, 2025

A UNIVERSIDADE DA FLORESTA, DA CIÊNCIA, DA TECNOLOGIA E DO FUTURO

Há territórios que pedem proteção; alguns pedem silêncio; outros, ainda, pedem voz. A Amazônia é os três, visto que pede proteção porque é ferida, silêncio porque é sábia, e voz porque, por séculos, falaram por ela, mas nunca com ela. O pacto amazônico da UEA nasce dessa escuta; não é tratado, acordo ou protocolo, mas aliança entre o conhecimento e o território, entre a ciência e a floresta, entre o futuro e os povos que o sustentam, entre a universidade e o Brasil que ainda não entendeu o tamanho do país que carrega no Norte. A UEA assume, neste pacto, a tarefa de ser ponte para o amanhã e raiz que honra o ontem.

1. A Universidade Como Guardiã da Inteligência Amazônica

A Amazônia nunca dependeu apenas de árvores, rios ou biodiversidade, mas dependeu e sempre dependerá de gente que pesca, que planta, que ensina, que investiga, que cria, que resiste, que sonha e que, como a UEA, acredita que a floresta não é apenas um ecossistema natural, mas também intelectual. Neste pacto, a universidade se compromete a cuidar não só do que se vê, mas do que sustenta o invisível: a memória dos povos originários, os saberes das comunidades ribeirinhas, os códigos de adaptação inscritos nas culturas tradicionais e a inteligência ancestral que opera onde o mundo urbano jamais entendeu como é possível viver. Uma vez sabendo que proteger a Amazônia é proteger sua

capacidade de pensar, a UEA assume um papel que vai além da ciência: ser guardiã da inteligência amazônica em todas as suas formas.

2. A Inovação Como Caminho de Pertencimento e Justiça —

A inovação, para a UEA, não é apenas motor econômico, também é instrumento ético. Nesse sentido, ela existe para reduzir desigualdades, abrir futuros, interromper ciclos de abandono, criar oportunidades onde antes havia silêncio e oferecer às juventudes amazônicas o direito de permanecer sem renunciar ao futuro. Portanto, inovar não é luxo, mas justiça. Desse modo, a universidade se compromete, neste pacto, a fazer da inovação um caminho de pertencimento, onde cada estudante, independentemente de onde nasceu, poderá enxergar sua própria vida refletida naquilo que aprende. Para isso, o OCEAN 4.0 prepara, o STEM CRIAR semeia, a INUEA amadurece, o PIÍSA articula, a AGIN protege, os laboratórios testam, os portfólios conectam, as comunidades inspiram e a UEA integra tudo isso no gesto mais político que uma universidade pode realizar: colocar a Amazônia no centro do seu próprio destino, não como promessa, mas como autoria.

3. O Chamado Para Uma Nova Geração de Guardiões —

Este pacto não termina na reitoria, nem nos laboratórios, nem nas escolas superiores, mas atravessa o tempo e se entrega às mãos das novas gerações, as que hoje constroem robôs de garrafas PET, programam sensores em escolas ribeirinhas, empreendem em incubadoras multicampi e escrevem seus primeiros artigos

na graduação. A UEA convoca esses jovens a serem guardiões de um futuro que não será entregue pronto, mas será construído por eles, com eles e através deles. Além deles, a UEA convoca também empresas, governos, pesquisadores, universidades irmãs, comunidades, povos indígenas, cientistas, artistas, engenheiros e todos aqueles que sabem que a Amazônia não é obstáculo: é horizonte.

O pacto amazônico é, portanto, compromisso com o presente e profecia sobre o futuro. Sabe-se que proteger a floresta é proteger a vida; proteger a vida é proteger o conhecimento; proteger o conhecimento é proteger a Amazônia, e proteger a Amazônia é proteger o Brasil. A UEA assume, assim, seu lugar natural: o de universidade que não apenas observa o território, mas o cura; não apenas acompanha o futuro, mas o inventa; e não apenas dialoga com o mundo, mas o transforma.

CONCLUSÃO FINAL DA OBRA

Este livro é testemunho de um tempo e convite para outro, pois registra o caminho percorrido pela UEA até aqui e anuncia o caminho que ela escolheu trilhar. Diante da grandeza da Amazônia, a universidade declara que sua missão não é pequena: é educar, inovar, proteger, articular, inspirar e liderar. Por isso, o pacto amazônico está firmado, de modo que a UEA será luz no território, rio de conhecimento, floresta de ideias, céu de possibilidades e chão seguro para que a Amazônia invente o amanhã.

ANEXO A — LINHA DO TEMPO INSTITUCIONAL (1973–2034)

Marcos estruturantes da trajetória da UEA e da visão de futuro

Esta linha do tempo sintetiza os principais acontecimentos institucionais que moldaram a Universidade do Estado do Amazonas (UEA) desde sua gênese até a projeção estratégica de 2034. Mais que uma cronologia, trata-se de um percurso de Estado, no qual educação, território, ciência e inovação se articulam como política pública permanente.

1973 — Criação da UTAM

O Estado do Amazonas institui a Universidade de Tecnologia do Amazonas (UTAM) como resposta estratégica às exigências de formação técnica e superior associadas à consolidação do Polo Industrial de Manaus. Esse gesto inaugura a compreensão de que desenvolvimento econômico exige base educacional estruturada.

Décadas de 1980 e 1990 — O dilema territorial

Manaus acelera seu crescimento industrial e urbano, enquanto o interior permanece distante do acesso sistemático ao ensino superior. Embora a demanda por formação qualificada e ciência regional cresce, a infraestrutura acadêmica ainda não alcança o Estado como território integrado.

12 de janeiro de 2001 — Nascimento jurídico da UEA

A Lei nº 2.637 cria a Universidade do Estado do Amazonas (UEA), inaugurando um modelo com vocação territorial, multicampi e compromisso explícito com a interiorização do ensino superior.

03 de agosto de 2001 — Início formal das atividades

A UEA inicia suas operações enfrentando um dos maiores desafios logísticos da educação superior brasileira: transformar distâncias geográficas em acesso educacional e acesso em política pública permanente.

2001–2011 — Consolidação da presença multicampi

A universidade amplia sua atuação no interior do Estado, forma profissionais essenciais e consolida a interiorização como eixo estruturante de sua identidade institucional. Com isso, a educação superior passa a operar como instrumento de integração territorial.

2004–2006 — Bases legais da inovação no Brasil e no Amazonas

A Lei Federal de Inovação (Lei nº 10.973/2004) e o Decreto nº 5.563/2005 definem o papel dos Núcleos de Inovação Tecnológica (NITs). No âmbito estadual, a Lei nº 3.095/2006 cria condições para a cooperação tecnológica e científica no Amazonas.

2011 — Institucionalização da inovação na UEA

A Lei Estadual nº 3.595/2011 cria a Agência de Inovação da UEA (AGIN), inserindo a inovação na estrutura formal da universidade e sinalizando sua transformação em política institucional.

2013 — Segurança jurídica e governança da inovação

A Resolução CONSUNIV nº 020/2013 aprova o Regimento Interno da AGIN, consolidando a inovação como política permanente da UEA. Desse modo, a universidade transita do entusiasmo episódico para a estrutura de Estado.

2014–2021 — Expansão gradual de capacidades

A UEA fortalece sua rede multicampi, amplia articulações institucionais, amadurece competências acadêmicas e científicas e prepara, de forma progressiva, o salto estrutural que se materializaria na década seguinte.

2022 — Início do ciclo de maturidade institucional (2022–2025)

A universidade ingressa em fase decisiva de reorganização estratégica ao estruturar seu ecossistema de inovação, ampliar sua visibilidade externa, consolidar portfólios tecnológicos e intensificar parcerias com o setor produtivo.

2022–2025 — O ciclo estruturante

Consolidação da UEA como Instituição Científica e Tecnológica (ICT) amazônica madura, com destaque para: Execução de projetos de PD&I com o setor empresarial (Lei de Informática); Ampliação de bolsas e equipes, reconhecendo o investimento em pessoas como estratégia central; Fortalecimento de eventos, visibilidade institucional e presença em conselhos estratégicos; Avanços consistentes em Propriedade Intelectual, publicações científicas, premiações e portfólios tecnológicos.

2026–2030 — Integração e ampliação de impacto (direção estratégica)

Período projetado para consolidação sistêmica do ecossistema: ambientes de inovação integrados, interiorização robusta, aceleração de talentos, governança em rede e expansão qualificada do diálogo com indústria, governo e sociedade.

2031–2034 — Visão de liderança amazônica em inovação

A UEA se posiciona como plataforma de desenvolvimento amazônico: uma universidade que articula ecossistemas, acelera soluções, forma lideranças tecnológicas e sustenta a inovação como política de Estado, com impacto regional, nacional e internacional.

NOTA EDITORIAL

Este anexo funciona como eixo de leitura transversal do livro: ele conecta passado, presente e futuro, reforçando que a trajetória da UEA não é episódica, mas resultado de decisões estruturantes orientadas por visão de longo prazo.

ANEXO B — Painel de Indicadores 2022–2025

(versão final)

Quadro consolidado para uso institucional, apresentações públicas e prestação de contas.

Indicadores estruturantes do ciclo 2022–2025

- Projetos de PD&I (Lei de Informática): 138;
- Investimentos mobilizados em PD&I: R\$ 290.025.973 milhões
- Investimentos em bolsas e formação de pessoas: R\$126.764.057 milhões
- Propriedade Intelectual (2022–2025);
- Marcas registradas: 8;
- Patentes depositadas: 4;
- Programas de computador (softwares) registrados: 4.

Produção científica (2022–2025):

- 117 produtos científicos (artigos, livros, capítulos, relatórios técnicos e publicações especializadas).

Educação científica e base de futuro — STEM CRIAR:

- Estudantes impactados: 9.000;
- Municípios atendidos: 14.

Eventos de inovação com presença ou organização da UEA (2022–2025):

- Rodas de conversa e seminários técnicos sobre Lei do Bem e Lei de Informática;

- Amazon HealthTech (edições 2023 e 2024);
- Expo Amazônia Bio&TIC 2024;
- Arena Expo UEA Innovation (ENAEPE 2025);
- Planejamento Estratégico de Inovação da AGIN (2024).

Premiações e reconhecimentos institucionais:

- Startup do Ano;
- Melhor Incubadora Universitária;
- Universidade Inovadora;
- Prêmio Jaraqui Graúdo (reconhecimentos regionais e nacionais vinculados à inovação, empreendedorismo e impacto social).

Indicadores por eixo estratégico

Eixo A — Ciência Aplicada e PD&I

- Projetos executados: 138;
- Recursos mobilizados: R\$ 290 milhões;
- Instrumentos predominantes: Lei de Informática, cooperação universidade–empresa, parcerias institucionais.

Eixo B — Pessoas e Formação de Talentos

- Investimento em bolsas: R\$ 126 milhões;
- Públicos atendidos: estudantes de graduação, pós-graduação, pesquisadores, técnicos e professores da educação básica;

- Programas estruturantes: STEM CRIAR, PIÍSA, INUEA, capacitações em empreendedorismo e inovação.

Eixo C — Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia

- **Ativos protegidos:**
 - Marcas: 8;
 - Patentes: 4;
 - Softwares: 4.
- **Instrumentos jurídicos:** licenciamento, acordos de cooperação, confidencialidade, repartição de benefícios (AGIN/UEA).

Eixo D — Educação Científica e Tecnológica (Base de Futuro)

- Estudantes impactados diretamente: 9.000;
- Municípios atendidos: 14;
- Estratégia: interiorização da ciência, formação docente, pertencimento científico e estímulo precoce à inovação.

ANEXO C — Glossário

AGIN — Agência de Inovação da Universidade do Estado do Amazonas (UEA)

Órgão suplementar vinculado à Reitoria, responsável por coordenar a Política Institucional de Inovação, atuando como Núcleo de Inovação Tecnológica (NIT) oficial, com atribuições em propriedade intelectual, parcerias, empreendedorismo, transferência de tecnologia e segurança jurídica dos instrumentos de inovação.

NIT — Núcleo de Inovação Tecnológica

Estrutura prevista na legislação brasileira para gerir a política de inovação, incluindo proteção da propriedade intelectual, negociação de parcerias, transferência de tecnologia e apoio à interação entre ICTs e setor produtivo.

ICT — Instituição Científica e Tecnológica

Órgão ou entidade, pública ou privada, que tem por missão institucional executar atividades de pesquisa científica e tecnológica e de inovação, conforme marco legal aplicável.

PD&I — Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação

Conjunto de atividades que abrange pesquisa aplicada, desenvolvimento tecnológico e inovação, com potencial de gerar soluções, produtos, processos ou serviços, com impacto econômico, social e ambiental.

PI — Propriedade Intelectual

Conjunto de direitos que protege criações do intelecto, incluindo patentes, marcas, desenhos industriais, programas de computador e outros ativos intangíveis, assegurando reconhecimento, proteção e possibilidade de exploração por instrumentos formais.

TT — Transferência de Tecnologia

Processo de disponibilização e aplicação de conhecimento e tecnologia gerados em ICTs na sociedade e no setor produtivo, por meio de licenciamento, cessão, acordos de cooperação, contratos e instrumentos correlatos.

INUEA — Incubadora da Universidade do Estado do Amazonas (UEA)

Estrutura vinculada ao ecossistema de inovação da UEA, dedicada ao apoio ao empreendedorismo e à incubação de startups, com metodologia, acompanhamento e articulação com programas e instrumentos institucionais.

PIÍSA — Programa de Inovação Tecnológica, Empreendedorismo e Sustentabilidade

Programa institucional de formação e articulação de projetos voltados a prototipagem, empreendedorismo, inovação e sustentabilidade, integrando estudantes, docentes, laboratórios e incubação.

SAMSUNG OCEAN 4.0

É um programa de capacitação tecnológica gratuito, focado em trilhas de inovação, oferecido pela Samsung no Amazonas, em parceria com a Universidade do Estado do Amazonas – UEA.

STEM CRIAR — Programa de Educação Científica e Tecnológica

Iniciativa voltada à educação científica e tecnológica, com ações práticas de ciência, tecnologia, engenharia e matemática (STEM), incluindo oficinas, laboratórios móveis e formação de multiplicadores.

Lei Federal de Inovação — Brasil. Lei nº 10.973, de 2 de dezembro de 2004

Marco legal que dispõe sobre incentivos à inovação e à pesquisa científica e tecnológica no ambiente produtivo e define diretrizes para atuação de ICTs e NITs.

Decreto nº 5.563, de 11 de outubro de 2005 (Brasil)

Norma regulamentadora da Lei nº 10.973/2004, com detalhamento de mecanismos operacionais relacionados a inovação, NITs e cooperação.

Lei Estadual de Inovação — Amazonas. Lei nº 3.095, de 14 de novembro de 2006

Marco estadual que estabelece condições e instrumentos para promoção da inovação e cooperação tecnológica no Estado do Amazonas.

Lei Estadual nº 3.595, de 12 de dezembro de 2011 (Amazonas)

Institui a Agência de Inovação Tecnológica e Propriedade Intelectual da UEA (AGIN/UEA) na estrutura formal da universidade.

Resolução CONSUNIV nº 020/2013 — UEA

Aprova o Regimento Interno da AGIN e consolida diretrizes de funcionamento e governança institucional da política de inovação no âmbito da UEA.

ANEXO D — Créditos Institucionais, Parceiros e Fontes

Créditos Institucionais

Este livro registra um ciclo coletivo, visto que a trajetória aqui narrada resulta do trabalho integrado de gestores, pesquisadores, técnicos, estudantes e parceiros que transformaram visão institucional em política pública, e política pública em resultados concretos para o Estado do Amazonas.

Universidade do Estado do Amazonas — UEA

Reitor: André Luiz Nunes Zogahib

Vice-Reitora: Kátia do Nascimento Couceiro

**Agência de Inovação Tecnológica e Propriedade Intelectual
— AGIN/ UEA**

Diretor Executivo: Prof. Dr. Antônio de Lima Mesquita

Coordenação: Washington Gomes de Souza Filho

Assessoria Técnica: Felipe Gustavo Serrão da Silva, Ricardo Bulcão Dias Júnior, Thaís Alessandra Sampaio Freire, Vanderlito Cavalcante da Silva Jr.

Estagiários: Paulo Victor Alves Tomas, Keitiane Pinho Burlamaqui

Programas, Iniciativas e Estruturas de Inovação (2022–2025) INUEA — Incubadora da UEA

Coordenação Geral: Prof. Dr. Neuler André Soares de Almeida

Coordenações Regionais:

- Itacoatiara (CESIT): Profa. Dra. Deolinda Lucianne Ferreira Garcia
- Parintins (CESP): Prof. Dr. Francisco Otávio Miranda

Programas Institucionais

SAMSUNG OCEAN 4.0

Coordenador: Prof. MSc Silvio Marques

STEM CRIAR / STEAM CRIAR

Coordenador: Prof. Dr. Adam Medeiros

PIÍSA — Programa de Inovação Tecnológica, Empreendedorismo e Sustentabilidade

Coordenador: Prof. Dr. Antônio de Lima Mesquita

Equipe: Esdras Guerra; Felipe Gustavo; Keitiane Burlamaqui; Ricardo Bulcão; Thaís Alessandra; Washington Gomes Filho; Vanderlito Cavalcante Jr.

Portfólios Tecnológicos AGIN — Volume 1 e Volume 2 (2022)

Coordenação: Prof. Dr. Antônio de Lima Mesquita

Equipe: Mayara Fernanda; Ricardo Júnior; Rayson Gomes; Jessica da Costa; Aline Cristina Reis Lauria

Gestão de Inovação da UEA

Coordenação: Prof. Dr. Antônio de Lima Mesquita

Equipe: Esdras Guerra; Felipe Gustavo; Ricardo Bulcão; Thaís Alessandra; Vanderlito Cavalcante; Paulo Victor; Keitiane Burlamaqui; Washington Gomes

Planejamento Estratégico Integrado de Inovação

Coordenação Geral: Prof. Dr. Antônio de Lima Mesquita;

Equipe: Washington Gomes; Ricardo Bulcão Esdras Barbosa; Fabíola Ribeiro; Felipe Gustavo; Jacklene Briglia; Lígia Lima; Keitiane Burlamaqui; Thaís Alessandra; Vanderlito Cavalcante; Gabriel dos Santos; Raquel Maciel.

Coordenação Técnica: Giancarlo Nuti Stefanuto e Michella Lima Lasmar

Parceiros Institucionais, Órgãos Públicos e Secretarias

- Secretaria de Estado da Fazenda — SEFAZ
- Secretaria de Estado de Administração e Gestão — SEAD
- Unidade Gestora de Projetos Especiais — UGPE
- Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação — SEDECTI
- Secretaria Municipal do Trabalho, Emprego e Inovação
- Superintendência da Zona Franca de Manaus — SUFRAMA
- Ministério da Gestão e da Inovação
- Comando Militar da Amazônia
- CETAM — Centro de Educação Tecnológica do Amazonas

Instituições de Fomento e Apoio

- Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas — FAPEAM
- CNPq — Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
- FINEP — Financiadora de Estudos e Projetos
- EMBRAPPII
- SEBRAE / SEBRAE-AM
- SENAI / SENAI CIMATEC
- SENAC-AM
- FIEAM — Federação das Indústrias do Estado do Amazonas
- CIEAM — Centro da Indústria do Estado do Amazonas
- Hospital Israelita Albert Einstein
- Samsung Open Innovation
- Centro de Bionegócios da Amazônia — CBA

ICTs e Universidades Parceiras

- Universidade do Estado do Amazonas — UEA
- Universidade Federal do Amazonas — UFAM
- Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia — INPA
- Instituto Federal do Amazonas — IFAM
- Universidade do Estado do Pará — UEPA
- Universidade do Estado de Roraima — UERR
- Universidade do Estado da Paraíba — UEPB
- FUNATI — Fundação Universidade Aberta da Terceira Idade

- CIESA — Centro Universitário de Ensino Superior do Amazonas

Setor Produtivo e Empresas Parceiras

Empresas do Polo Industrial de Manaus e parceiros tecnológicos nacionais, incluindo, entre outras: Samsung, LG, Motorola, Foxconn, Flex, Jabil, Semp TCL, Philco, Elgin, Denso, Cal-Comp, Multilaser, TPV, Yamaha, TEC Toy, Technicolor/Vantiva, Wasion, Procomp, Salcomp, Softex.

Fontes, Marcos Legais e Documentos-Base

A elaboração deste livro foi sustentada por documentos normativos, registros institucionais e relatórios oficiais, incluindo: BRASIL. Lei nº 10.973, de 2 de dezembro de 2004. Lei de Inovação. BRASIL. Decreto nº 5.563, de 11 de outubro de 2005.

AMAZONAS. Lei nº 2.637, de 12 de janeiro de 2001. Criação da UEA.

AMAZONAS. Lei nº 3.095, de 14 de novembro de 2006. Lei Estadual de Inovação.

AMAZONAS. Lei nº 3.595, de 12 de dezembro de 2011. Criação da AGIN/UEA.

UEA. Resolução CONSUNIV nº 020, de 2013. Regimento Interno da AGIN.

Relatórios institucionais da AGIN/UEA (2022–2025).

Portfólios Tecnológicos e de Competências da AGIN/UEA.

Registros internos de propriedade intelectual, eventos, premiações e participação em conselhos.

título Mapa do caminho da inovação:
Universidade do Estado
do Amazonas 2001- 2026

autoria Antônio de Lima Mesquita

tipografias Times new roman
Adobe Garamond Pro

número de páginas 211



para conhecer mais da editora**UEA** e de nossas publicações,
acesse o qr code abaixo



ueaeditora



INOVAÇÃO: MEMÓRIA, REFERÊNCIA E COMPROMISSO

A Universidade do Estado do Amazonas nasceu do entendimento de que a educação superior é instrumento de integração territorial, justiça social e desenvolvimento estratégico. Desde sua criação, a UEA assumiu o desafio de transformar distâncias em acesso, diversidade em potência e conhecimento em política pública permanente.

Este livro registra um momento decisivo dessa trajetória. Mapa do Caminho da Inovação não é apenas um relato institucional, mas a sistematização de um processo histórico no qual a universidade amadurece sua vocação científica, tecnológica e social, reafirmando seu compromisso com a Amazônia e com o futuro do Estado.

Ao longo das páginas, o leitor encontrará mais do que programas, números ou estruturas administrativas. Encontrará uma universidade em movimento, que aprende com o território, dialoga com a indústria, forma talentos, protege o conhecimento e constrói a inovação como bem público. Trata-se de uma obra que revela como a UEA se organiza para cumprir sua missão estratégica em um dos territórios mais complexos e decisivos do planeta.

A inovação, aqui, não aparece como modismo ou discurso. Afirma-se como método, cultura e responsabilidade institucional. É compreendida como caminho para a redução das desigualdades, para o fortalecimento da soberania científica amazônica e para a construção de soluções que respeitem a floresta, os povos e a diversidade do território.

Que esta obra sirva como memória, referência e compromisso. Memória do que foi construído, referência para o que pode ser replicado e compromisso com aquilo que a UEA continuará a realizar: educar, inovar, articular e servir ao Amazonas com excelência, responsabilidade e visão de futuro.

KÁTIA DO NASCIMENTO COUCEIRO
VICE-REITORA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS